



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**NATÁLIA MARIA FREITAS EDUARDO**

**PERCEPÇÕES SOBRE A MORTE NA OBRA “MORTE E VIDA SEVERINA”, DE  
JOÃO CABRAL DE MELO NETO.**

**FORTALEZA**

**2013**

**NATÁLIA MARIA FREITAS EDUARDO**

**PERCEPÇÕES SOBRE A MORTE NA OBRA “MORTE E VIDA SEVERINA”, DE  
JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Graduação em Ciências Sociais do  
Departamento de Ciências Sociais da  
Universidade Federal do Ceará, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
bacharel em Ciências Sociais.**

**Orientadora: Profa. Dra. Isabelle Braz  
Peixoto da Silva.**

**FORTALEZA**

**2013**

**NATÁLIA MARIA FREITAS EDUARDO**

**PERCEPÇÕES SOBRE A MORTE NA OBRA “MORTE E VIDA SEVERINA”, DE  
JOÃO CABRAL DE MELO NETO.**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Graduação em Ciências Sociais do  
Departamento de Ciências Sociais da  
Universidade Federal do Ceará, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
bacharel em Ciências Sociais.**

**Orientadora: Profa. Dra. Isabelle Braz  
Peixoto da Silva.**

**Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Isabelle Braz Peixoto da Silva (Orientadora)**

**Universidade Federal do Ceará (UFC)**

---

**Profa. Dra. Peregrina Fátima Capelo Cavalcante**

**Universidade Federal do Ceará (UFC)**

---

**Profa. Dra. Cristina Maria da Silva**

**Universidade Federal do Ceará (UFC)**

**À Deus.**

**À minha família e amigos.**

## **AGRADECIMENTOS**

**À Deus, pela vida e pela minha família.**

**Aos meus pais, Kátia e Neto, pelo amor, dedicação, educação e disciplina que me ofereceram e a qual sou imensamente grata. Em especial a meu pai, que me ensinou o amor pela leitura.**

**À minha irmã, Nádia Maria Freitas Eduardo, que com sua objetividade ajudou a revelar a mim o tema desta monografia.**

**À minha orientadora, Isabelle Braz Peixoto da Silva, pela confiança e por acreditar neste trabalho.**

**À UFC, por possibilitar a realização dessa pesquisa.**

**Aos meus parentes e amigos pelo apoio e confiança.**

**À Maria Imaculada Eduardo Lima, Neivania Silva Rodrigues, Jonas Santos e Rafael Silveira, pelo incentivo, atenção e amizade.**

**À todos os meus professores e colegas de graduação pela troca generosa de conhecimento.**

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as percepções que os personagens da obra “Morte e Vida Severina” têm da morte. A obra, uma das mais conhecidas do importante poeta João Cabral de Melo Neto, abrange a caminhada do retirante em busca de melhores condições de vida. No seu caminho, o personagem principal, Severino, atravessando o estado de Pernambuco, vai encontrando novos ambientes e pessoas, ao mesmo tempo em que percebe a morte a cada parada. É através desses encontros com a morte que o personagem reflete sua condição humana e a própria sociedade na qual se insere. As dificuldades que os retirantes passam em sua migração; a sua relação com a terra; os trabalhos que encontra; além da discriminação e descaso com sua condição são alguns dos aspectos que atravessam essa relação do personagem com a morte e marcam a visão que Severino tem do mundo. É a partir dessas reflexões que nos propomos a compreender a morte, dentro dessa realidade. Realidade pelo fato de que, apesar de descrita de forma literária e poética, a literatura expressa toda uma conjuntura social. O autor fala de um local e de um ponto dentro da sociedade e define sua história dentro das observações e reflexões que faz sobre o meio. Percebendo essa relação entre Literatura e Sociedade, buscaremos compreender na obra e no contexto social específico, na qual ela tem sentido, a relação do homem com sua finitude.

Palavras-chave: Morte, Literatura e Sociedade.

## **ABSTRACT**

This study aims to understand the perceptions that the characters of the book "Death and Severina Life" have death. The work, one of the most important of the known poet João Cabral de Melo Neto, covers the journey of migrant in search of better living conditions. On their way, the main character, Severino, crossing the state of Pernambuco, is finding new people and environments, while perceiving death at every stop. It is through these encounters with death that the character reflects the human condition and society in which it operates. The difficulties that migrants pass on their migration, their relationship with the land, the work that is, beyond discrimination and neglect of their condition are some of the aspects that run through this character's relationship with death and mark the vision that has Severino the world. It is from these considerations, we propose to understand death, within that reality. Reality by the fact that, although described in a literary and poetic, the literature expresses a whole social situation. The author speaks of a place and a point within society and sets his story within the observations and reflections on what makes the medium. Realizing this relationship between literature and society, and seek to understand the work within the specific social reality in which it makes sense, man's relationship with his finitude.

Keywords: Death, Literature and Society.

**“A concepção da morte revela a concepção da vida. Já não sabemos mais o que é a morte, porque já não sabemos com clareza o que é a vida.” (José de Souza Martins, 1983).**



## SUMÁRIO

<b>1. Introdução: A literatura como campo de estudo social .....</b>	<b>9</b>
<b>Ciências Sociais e Literatura .....</b>	<b>10</b>
<b>“Formação da Literatura Brasileira”, uma visão sócio-literária .....</b>	<b>15</b>
<b>2. Capítulo I – Os percursos da obra .....</b>	<b>19</b>
<b>4. Capítulo II – Uma morte Severina .....</b>	<b>28</b>
<b>A morte como uma indústria .....</b>	<b>35</b>
<b>A existência da morte .....</b>	<b>38</b>
<b>A divisão social antes e depois da morte .....</b>	<b>41</b>
<b>3. Capítulo III – A morte e o morrer .....</b>	<b>48</b>
<b>A Morte na História .....</b>	<b>49</b>
<b>O homem e a morte – as formas de bem morrer e o caso brasileiro .....</b>	<b>50</b>
<b>As religiões e a sua relação com a morte .....</b>	<b>51</b>
<b>A morte e a sociedade .....</b>	<b>53</b>
<b>O moribundo, a morte e a coerção social sobre o indivíduo .....</b>	<b>55</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>57</b>
<b>Referências .....</b>	<b>59</b>

## **A literatura como campo de estudo social**

A literatura sempre exerceu fascínio sobre minha formação, não apenas acadêmica, mas humana também. Dentre as muitas obras que li, a literatura sobre o Nordeste brasileiro sempre me seduziu, talvez pela minha identificação com o ambiente, por reconhecê-lo pela janela de minha casa, como pelos lugares que conhecia. Isso tudo muito me motivou a estudar e compreender a relação entre literatura e sociedade, que por ora vos apresento. No entanto, a temática da morte foi algo mais inesperado. Durante minha graduação, entre tantas leituras acadêmicas, nunca abandonei meu interesse pelas obras fantásticas publicadas. Das muitas obras que li, “A menina que roubava livros”, de Markus Zusak, foi a que mais me prendeu a atenção. Isso não se devia ao fato de que a história se passa durante a segunda guerra mundial, numa pequena cidade na Alemanha, onde a pequena Liesel Meminger, personagem principal, vive e por serem relatadas todas as atividades e impressões que a jovem menina tem da guerra. Mas sim pelo fato de que quem narra a história é a morte. O início do livro não relata a vida em si da pequena Liesel, mas trata-se de um relato da própria morte sobre quem é e o que faz. Curioso fato e a forma como a morte se apresenta ao leitor, chamou-me demasiado atenção para a história da menina. O final da obra, então, provocou-me um mar de reflexões sobre a vida e a finitude: a morte termina afirmando que as pessoas a assustam.

Mas porque não trabalhar essa obra? Por mais interessante que o enredo me parecesse, eu queria aproximar meu estudo sobre a morte na literatura da vida no Brasil e no Nordeste em geral. E “Morte e Vida Severina” captou-me a atenção. Esta obra já me era conhecida desde pequena. Já havia lido o livro, assistido uma peça e um filme baseados na obra, e em todas às vezes fui cativada pelo enredo e pela imagem que é apresentada do retirante e de sua caminhada. Assim surgiu a ideia da pesquisa que agora venho vos apresentar e das percepções sobre a morte que aqui serão abordadas. As ciências sociais e a literatura em muito se aproximam nas observações do meio social e surgem também de uma necessidade percebida pelo autor e pelo pesquisador. No entanto, a licença poética e a estética literária acabam por exercer maior fascínio sobre o leitor do que um trabalho acadêmico. Essa diferença entre as duas compõe uma dificuldade metodologia a pesquisa, ao mesmo tempo em que abre uma perspectiva importante de atuação do próprio pesquisador. É sobre essa relação entre a

literatura e as ciências sociais que iremos nos debruçar por ora, antes de abordar a obra cabralina.

### **Ciências Sociais e Literatura.**

A formação das Ciências Sociais como ciência deve-se ao século XIX e às teorias positivistas da época. Nosso saber, para ser considerado científico, deveria ser focado na empiria, naquilo que poderia ser comprovado “cientificamente”. Na tentativa de nos consolidarmos como ciência, acabamos por nos distanciar de muitas perspectivas importantes do ser social, e não apenas dele, mas também daquilo que é por ele produzido. As Ciências Sociais são uma das áreas da ciência que abrangem, basicamente, todos os aspectos sócio-espaciais partilhados pelos indivíduos que compõem aquilo que convencionamos chamar de sociedade. Esses “espaços” são todos os componentes físico-culturais que formam essa sociedade, tais como a economia, a política, as festas, os ritos religiosos, o lar, entre outros. Tudo o que se refere à produção e intervenção humana desencadeada sobre o meio em que vivemos pode ser tratada como objeto de estudo por nossa ciência.

Levando em consideração essas características, percebemos que a literatura, como campo de atuação do indivíduo social, é também um dos campos de estudos dessa ciência. Nós a observamos não como espelho da vida social - fato impossível de ser conquistado -, mas como uma forma de produção humana que possibilita nosso acesso às ideias e concepções de sociedade, comportamento e reflexões de um dado grupo social com suas características pertinentes a uma época determinada. A literatura vem, portanto, expor de modo perceptível a ideia de organização social difundida em uma época, ou mesmo, uma resistência intelectual a algo imposto. Pode não ser as ações factualmente expostas, mas as ideias que se tem delas.

Esse acesso à expressão intelectual de um período deve, no entanto, ser feita com cuidado. A obra literária é, além de tudo, condicionada ao tempo e espaço do seu criador e pelas experiências e expectativas que a ele se associam. A forma como a obra é escrita também denuncia o público a quem este [o autor] quer atingir. O público ao qual o autor pretende atingir com sua escrita, interfere na escrita, no sentido de que o autor precisa saber qual a melhor maneira de se expressar, que informações ele poderá disponibilizar, qual a linguagem do leitor, o meio pelo qual vinculará sua informação e que indivíduos terão acesso

a obra. Vê-se, obviamente, como o ato da escrita literária em nada perde para o da nossa escrita. Nossas organizações são próximas, assim como nossa preocupação sobre por quem queremos ser compreendidos. A literatura é o resultado do conjunto de relações socioculturais e econômicas que envolvem o autor e seu público.

Como podemos observar, os processos de análise social de uma obra perpassam categorias sociais, históricas e biográficas da realidade investigada. São estas que nos orientam na compreensão dos fatos, símbolos e expressões que são nosso objeto de estudo. Eles nos impulsionam a sair do comodismo intelectual e nos propõem muitas questões (Onde ocorreu? Por que ocorreu? Quem eram os envolvidos? Como se associavam?). O pesquisador também interfere na pesquisa, na própria forma como concebe sua interpretação dos fatos estudados e na forma como vêm a expô-los.

Porém, tudo isso ainda gera muitas discussões sobre a importância e a relevância científica dessas análises para as Ciências Sociais e outras áreas do conhecimento, tais como a História. Muitos pesquisadores como Lucien Goldman<sup>1</sup>, Alfredo Bosi<sup>2</sup> e Antônio Cândido<sup>3</sup> se propuseram a trabalhar essa relação entre a escrita literária e a compreensão sócio-histórica de um momento social específico. A contribuição à pesquisa social que estes autores deram, proporcionando um alargamento dos nossos objetos de estudos, permitiu o alcance de mais espaços de atuação do pesquisador no meio social e como este poderia compreender como se

---

<sup>1</sup>Lucien Goldmann foi um importante filósofo e sociólogo francês, de origem judaico-romena. Influente teórico marxista, ocupou o cargo de diretor de estudos na École Pratique des Hautes Études. Trabalhou a relação entre literatura e sociedade, tendo sido influenciado por George Lukács. *Sociologia do Romance* é uma de suas obras mais conhecidas sobre literatura.

<sup>2</sup>Doutor em Literatura Italiana pela Universidade de São Paulo (1964). Livre-docente de Literatura Italiana (1970). Atualmente é Professor Titular Aposentado e Professor Emérito de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. É membro da Academia Brasileira de Letras e da Comissão de Lexicografia e da Comissão de Publicações da Academia Brasileira de Letras. Coordenador do Conselho da Cátedra Lévi-Strauss mantida pelo Convênio entre o Instituto de Estudos Avançados e o Collège de France.

<sup>3</sup>É sociólogo, literato e professor universitário brasileiro. Estudioso da literatura brasileira e estrangeira, possui uma obra crítica extensa, respeitada nas principais universidades do Brasil. À atividade de crítico literário soma-se a atividade acadêmica, como professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. É professor-emérito da USP e da UNESP, e doutor *honoris causa* da Unicamp.

estabelece algumas relações sociais e mesmo funções sociais em um dado momento. A escrita é uma das principais características de uma sociedade e a ela deve-se grande parte do que viemos a conhecer das ações e ideias dos sujeitos sociais. Por que não levar também em consideração o ato da escrita literária, sua produção, como mecanismo para se entender esses indivíduos em seu tempo? A ficção sempre parte daquilo que está ao redor do autor e do que ele pode apreender disso, e a repercussão do trabalho literário reflete também o alcance e reconhecimento que este teve numa sociedade. Logo, é algo que deve ser levado em grande consideração.

Nosso objeto de estudo, portanto, fixa-se nessa linha de pesquisa. A obra de João Cabral de Melo Neto<sup>4</sup> tem aspectos sociodescritivos relevantes de serem observados. A escrita da obra, o ritmo que a poesia dá à história, que conta o ambiente no qual ele situa suas reflexões nos é próximo, mas distante ao mesmo tempo. No caso de “Morte e Vida Severina”, obra que nos propomos a analisar, percebemos o sertão, a seca, as propriedades, os preconceitos e as divisões sociais nas quais os indivíduos se percebem e são percebidos pelo autor. Como esses indivíduos se percebem? Para aqueles que não conhecem a obra, a temática da migração do campo para a cidade é tratada de forma poética e reflexiva. Abordaremos a história com mais detalhes no último capítulo. Mas primeiro, vamos fazer uma recapitulação das ideias que cercam essa temática.

Vamos levar em consideração que a principal característica do sertanejo em migração é a busca por melhores condições de vida. Mas o autor de “Morte e Vida Severina” vai mais longe, ao mostrar ao público que o melhor nem sempre está no destino final. A própria condição da viagem como agente transformador da condição do indivíduo, não só para os outros, como para si mesmo; dos anseios que ele alimenta em relação ao futuro, ao mesmo tempo em que tem ações imediatistas em decorrência da fome, são aspectos muito bem elaborados por João Cabral de Melo Neto. No meio disso tudo, o que para nós é mais intrigante de se pensar é o constante contato com a morte durante o caminho. Há uma reflexão de uma vida permeada pela morte – quem sabe uma morte em vida. O que o autor nos expõe não é um medo da morte. A morte como é apresentada tem voz própria na obra de João

---

<sup>4</sup>Foi escritor e diplomata brasileiro, sendo considerado um dos maiores poetas da Geração de 45, assim chamada por rejeitar os “excessos do modernismo” para elaborar uma poesia de rigor formal, construindo uma expressão poética mais disciplinada.

Cabral de Melo Neto. Ela é um outro personagem, um companheiro de viagem e constante “animador”<sup>5</sup> de reflexões do personagem Severino. Mas como isso é possível naquele momento e como podemos compreender a visão e percepção que uma sociedade tem da morte através disso? Isto é o que nos propomos a investigar. Esse é o principal objetivo da pesquisa aqui exposta: compreender essas percepções da morte (pois não é apenas uma) do autor, assim como do grupo social no qual se insere. Para isso, no entanto, existem muitos caminhos a serem percorridos, muitas chaves de leitura a serem feitas e refletidas.

Vale destacar que estas saltam à própria obra. É preciso entender o que o autor usou para questionar a relação do homem com a morte, no texto literário. O ambiente é a base de nossa investigação; as estruturas sócio-econômicas são nosso campo de atuação; e as ações do personagem, a própria reflexão do sujeito sobre essas estruturas. Ou seja, para compreendermos a morte para além da obra estudada e dentro de sua época, faz-se preciso entender as intrincadas relações desenvolvidas histórica e socialmente entre sertão, seca, propriedade da terra e migração. O sertão é um ambiente construído historicamente e percebido socialmente de formas diversas pelos indivíduos dentro e fora dele. O que é o sertão? Quem são seus habitantes? Como ele foi sendo percebido? Que mudanças de ação e de relação foram sendo estabelecidas através dessas mudanças? Para essa reflexão trabalharemos autores que estudaram o sertão como espaço e idéia, como Euclides da Cunha<sup>6</sup> e Ivone Cordeiro Barbosa<sup>7</sup>. A seca também faz parte dessa construção de uma idéia de sertão e a reflexão sobre ela não poderia estar desvinculada dessa discussão.

---

<sup>5</sup>A expressão “animador”, aparece no sentido de ser a partir dos vários encontros com situações de morte durante sua jornada, o personagem vai refletindo sobre todas as problemáticas sociais que o atinge e ao grupo social ao qual pertence.

<sup>6</sup>Importante figura do intelectualismo brasileiro do início do século XX, Euclides da Cunha foi escritor, professor, sociólogo, repórter jornalístico e engenheiro, tendo se tornado famoso internacionalmente por sua obra-prima, “Os Sertões”, que retrata a Guerra dos Canudos e a qual utilizamos nessa pesquisa. Na leitura feita priorizamos a interpretação que é feita da cultura nordestina sob o prisma da profunda relação religiosa da população que habita o campo e o interior dos estados da região Nordeste.

<sup>7</sup>Ivone Cordeiro Barbosa é doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (1998). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal do Ceará. Foi coordenadora de patrimônio histórico cultural - Secretaria de Cultura/Prefeitura Municipal de Fortaleza (2005-2008). Atua no Programa de Pós-Graduação em História Social/UFC (mestrado e doutorado) com pesquisas e orientações nos campos: história e cultura, história social das ciências, história e literatura. A obra por nós estudada é sua tese de Doutorado, “Sertão: um lugar incomum”, publicado em 2000.

A propriedade da terra sempre gerou muitas e acaloradas discussões. A distribuição da terra, a questão agrária, os assentamentos, as ocupações, são exemplos de como esse assunto ainda hoje proporciona muitas reflexões sociais, econômicas e, cada vez mais em voga, ambientais. De quem é a terra? Como se dá essa relação do indivíduo com a terra? O que ela representa? Para essa discussão, contaremos com o auxílio do importante estudo sobre a situação da terra no Brasil, com Alberto Passos Guimarães<sup>8</sup>. A migração será abordada pela perspectiva do movimento interno dos habitantes, focando a relação campo e cidade. Como se dá essa relação entre campo e cidade? Como os indivíduos buscam o meio urbano? O que os motiva? Como essa migração é percebida pelos grupos urbanos? Como a cidade comporta essa população migrante? Que percursos são feitos? Qual a influência desses percursos na visão de mundo do indivíduo? Para isso, nós contaremos com a discussão de Yaponira Guerra<sup>9</sup>.

Para entender a própria ideia da morte, as mudanças pelas quais ela passou nas sociedades ocidentais e como se dá a relação entre os indivíduos e a morte, abordaremos alguns importantes estudos, tais como os de Norbert Elias<sup>10</sup>, José de Souza Martins<sup>11</sup>, e Roberto Da Matta<sup>12</sup>. A literatura também será parte fundante de nossas reflexões já que o uso

---

<sup>8</sup>Alberto Passos Guimarães foi um importante ensaísta brasileiro preocupado com a questão da justiça social. Autodidata, não possuía formação acadêmica, abandonou a escola aos 9 anos. Foi comerciante e jornalista em Maceió e militante no PCB. Amigo de Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e Aurélio Buarque de Holanda, fundou em 1931 a revista *Novidade*, em onde publicou diversos textos sobre o assunto. A obra aqui analisada trata-se de “Quatro Séculos de Latifúndio”, onde aborda a formação da propriedade latifundiária no Brasil.

<sup>9</sup>Yaponira Machado Barbachan Guerra, pedagoga pernambucana, trabalha classes subalternas e educação. Sua dissertação “O espaço dos sem espaço: estudo de caso de representações sociais de migrantes de classes subalternas no Recife”, foi publicada em 1993, pela Fundação Joaquim Nabuco.

<sup>10</sup>Importante sociólogo alemão do século XX, nasceu em Breslau, em 1897. Estudou a relação entre poder, comportamento, emoção e conhecimento na História. Sua obra só foi reconhecida a partir da década de 1970, onde suas pesquisas ganharam espaço e renome. “A solidão dos moribundos” uma de suas últimas obras publicadas, é fruto de duas palestras na qual o autor aborda o comportamento humano diante da morte.

<sup>11</sup>Doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo. É professor titular aposentado pela mesma Universidade, estuda sociologia da fronteira, sociologia dos movimentos sociais, sociologia da violência, sociologia da vida cotidiana, sociologia visual.

<sup>12</sup>É um importante antropólogo brasileiro, além de também trabalhar como conferencista, professor universitário, consultor, colunista de jornal e produtor de TV. Atualmente é professor associado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense. Estuda a

de algumas obras literárias para complementarmos nossa compreensão será feito, não só com a obra de Euclides da Cunha, mas a de Graciliano Ramos<sup>13</sup>, Guimarães Rosa<sup>14</sup> e José Saramago<sup>15</sup>. Compreender isso será de grande auxílio na construção de uma ideia da obra de João Cabral, assim como a própria vida do autor e a sociedade/grupos sociais aos quais estava vinculado serão de grande importância para nossa discussão. Não temos como desvincular a obra de seu criador, da mesma forma que não podemos tirar o sujeito do ambiente e das relações familiares, empregatícias e de amizade que ele estabelece. Tudo isso é uma construção social e histórica, sempre parte dessa integração entre o homem e o meio. E a obra literária não foge disso.

Antes, porém, de adentrarmos as discussões acima apontadas, apresentaremos algumas características importantes do fazer literário, apontadas por Antônio Cândido em sua obra *Formação da Literatura Brasileira* (CANDIDO, 1969), a fim de que fique mais fácil ao leitor os caminhos e abordagens utilizadas durante a pesquisa.

#### **“Formação da Literatura Brasileira”, uma visão sócio-literária.**

A obra de Antonio Cândido trabalha a linha do tempo da produção literária brasileira desde quando se tem notícia e produção, como no caso do classicismo, até a época próxima ao autor (CANDIDO, 1969), que será destaque no segundo volume da obra, com o qual não trabalharemos. A maior parte da obra se concentra nas considerações históricas e produtivas dos poetas e escritores das primeiras épocas da literatura no Brasil. O autor expõe cada um dos escritores dos períodos estudados, analisando suas obras de maior repercussão ou aquelas

---

cultura brasileira e seu povo, abordando os festivais e rituais nas sociedades industriais, como no caso brasileiro.

<sup>13</sup>Graciliano Ramos de Oliveira, alagoano nascido em 27 de outubro de 1892, faleceu em 20 de março de 1953, no Rio de Janeiro. Foi um importante romancista, cronista, jornalista, político e memorialista brasileiro do século XX, mais conhecido por seu livro “Vidas Secas” (1938).

<sup>14</sup>João Guimarães Rosa foi um dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos. Foi também médico e diplomata. É o autor de obras de renome internacional, tais como “Grande sertão: veredas”, “Corpo no Baile” e “Sagarana”. Suas obras ambientam-se, em sua maioria, no sertão brasileiro, mostrando o cotidiano e a linguagem popular.

<sup>15</sup>José de Sousa Saramago foi um importante escritor, ensaísta, jornalista, dramaturgo e poeta português, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1998. Dentre suas muitas obras, citamos aqui “As intermitências da Morte”.



que melhor denotam a expressão artística e social do período. Muitos fragmentos e citações das obras analisadas por Antonio Cândido foram transcritas por ele.

Algumas das afirmações mais proeminentes nas considerações do autor se encontram na Introdução, onde ele expõe os objetivos de sua pesquisa. Ao afirmar que seu trabalho trata de expor “o valor e a função das obras”, compreendo que esse processo de valorização, mesmo que subjetivo, deve ter sido extraído também da repercussão que as obras tiveram dentro do espaço social na qual estavam inseridas. Como o próprio Cândido nos revela, cada autor escreve dentro de seu tempo, a partir daquilo que consegue colher do ambiente social no qual vive. Os escritores também escrevem para um determinado público, para o grupo ou grupos sociais com os quais deseja se comunicar e se fazer ouvir, ou simplesmente promover discussões. “O escritor, quando escreve, prefigura, conscientemente ou não, o seu público, a ele se conformando” (CANDIDO, 1969, p.53).

Ao analisar a obra de alguns escritores, Cândido percebe o caráter de correção social que alguns dos poemas refletem. “À medida que isto se dá, acentua-se naturalmente o cunho militante da poesia, a sua vocação utilitária de corretivo dos costumes, que no século XVIII não podia deixar de impregnar-se de ideais gerais correntes nos espíritos (...)” (CANDIDO, 1969, p. 154). As obras, em muitos casos, admitem, mesmo que na ficção, um caráter de denúncia, ainda que velada, a situações e contextos percebidos como corruptores da sociedade. Na obra de Cândido, o grande marco, a meu ver, de sua análise sobre as obras da literatura brasileira ou, mais respectivamente, de alguns autores dos séculos XVIII e XIX, é estabelecer uma relação profunda entre o autor e seu tempo. As mudanças que ocorrem nos períodos analisados - por exemplo, a passagem da colônia para o império – marcaram decisivamente o teor e conteúdo das obras entre os períodos. A exaltação do patriotismo que foi uma das temáticas abordadas pelos românticos na sua fase inicial, se devia e muito, à ascensão do território de colônia a império, à vinda da família real; enfim, às mudanças socioculturais e políticas que foram organizadas no Brasil e que marcaram sua produtividade literária no século XIX. A recepção dessas mudanças pela população “nativa”<sup>16</sup> também contribuirá para a contextualização das obras.

---

<sup>16</sup> Nativo aqui se refere aos habitantes do Brasil no século XIX e que nasceram e viveram no país.

Mas, assim também como as percepções sobre os escritores e sua produção, para Cândido, tende a uma análise valorativa – valorativa, no sentido que o autor escreve dentro de uma família, de um grupo social, de uma sociedade e é a partir dela que compreende o mundo a sua volta e o interpreta – a produção mesma das obras literárias carrega um pouco disso. A subjetividade do autor e aquilo ao qual ele atribui importância, a ponto de virar temática de uma de suas obras, é algo importante de ser frisado. Compreender como o autor se porta diante dessas mudanças, da sociedade onde vive, e não apenas daquilo que recolhe dela, é de grande relevância para a compreensão da mensagem que ele quer transmitir através de sua obra.

Existem algumas perguntas, as quais nos fazemos e pretendemos nos dedicar a responder, durante a realização da pesquisa: Que opiniões coletivas o autor exprimia através de “Morte e Vida Severina”? Para que grupo social escrevia? É uma obra de denúncia? De reflexão? De exame pessoal de uma realidade muito comum ainda para nordestinos nos séculos XX e XXI? E por que uma migração dentro do Nordeste e não para fora da região? Essas são algumas das questões que Cândido nos inspira com sua obra.

A literatura, portanto, tem tanto uma função estética quanto social que estabelece uma série de relações entre o escritor e o leitor. A função estética tem a capacidade de chamar a atenção do leitor para o que está escrito. O ritmo, o uso de rimas, a escrita das palavras, a forma como cada aspecto da história é trabalhado pelo escritor permite ao leitor assimilar melhor a história em si, o que é abordado. A escrita de João Cabral na sua obra “Morte e Vida Severina” denota uma linguagem direta, plástica, onde o apelo à imagem estabelece uma conexão entre o lido e o imaginado ao leitor. Essa relação colabora para que possamos compreender o que o autor trata, visualizar o ambiente e participar junto à Severino de sua caminhada.

No que tange aos aspectos sociais, a obra gera ou não uma emoção e uma reflexão a quem lê, isso decorre de uma sensibilidade a temática abordada que pode estar muitas vezes próxima do leitor. A obra em si também expressa, através de sua repercussão, a aceitação ou não da ideia por trás do texto, pois todo e qualquer texto tem uma ideologia sociopolítica. Muitas vezes é isso que imprime no público o caráter de denúncia, de concordância/aprovação das ações dos personagens quando estes se referem a estruturas e organizações sociais comuns ao público. O grupo social que aceita a obra e delega a ela uma importância que outros não a

dão, denota também as diferenciações de pensamento de um período e como os grupos sociais usam a literatura como forma de expressão e debate social. O pesquisador deve, portanto, ater-se a essas indicações; a forma como o autor capta e reproduz (sob sua própria interpretação) cenas de uma realidade partilhada entre grupos sociais diferenciados.

Esperamos que a pesquisa que vos será mostrada, leitor, possibilite muitas reflexões sobre o fazer social e as influências recebidas pela literatura à sociedade. Nosso objetivo é proporcionar um alargamento daquilo que pode ser interpretado socialmente; reiterando que toda a produção humana – ficcional ou não – tem sua inspiração no momento e no lugar onde está sendo produzida. Abordar a morte na obra de João Cabral de Melo Neto é compreender como a percepção social dessa que é, segundo Saramago em “As intermitências da morte”, “a indesejada das gentes”, é compreendida de forma diversa pelos indivíduos de grupos sociais diferentes num mesmo momento, ou melhor; como a morte se manifesta como ponto de reflexão sobre a luta e as ações dos indivíduos na sociedade. Ela não deve ser meramente reduzida a um fato, algo comum ou amedrontador. Ela é, sim, mesmo com sua banalidade, reflexo e meio de reflexão, sobre uma série de transformações no sujeito e de sua relação com o outro e com a sociedade no geral.

## Capítulo I

### Os percursos da obra

O Brasil é um país de grandes contrastes e de diversas cores, ritmos e pessoas. As diferenças geográficas são também patentes e importantes em nossa observação sobre o país e tem significativo valor simbólico na produção política e social da massa populacional brasileira. Cada região, cada estado tem sua particularidade espacial e cultural, mas existem elementos que contemplam todas as esferas da vida social brasileira e fazem do país uma nação de diferentes iguais. Baseando-me nisso, venho nos propor uma reflexão sobre a percepção do povo brasileiro, tendo como amostra o interior do nordeste, para entender como é percebida a morte, sua figura e atuação dentro do quadro cultural brasileiro. É uma proposta muito complicada de ser realizada, mas nosso objetivo se baseia em pesquisar fontes que se propõem a apreender o real e apresentá-lo, mesmo que ficcionalmente, ao restante do país e quiçá do mundo. Essas apreensões nos são herdadas através das obras dos escritores, artistas plásticos, políticos, médicos, curandeiros, contadores de histórias, repentistas e demais artistas, produtores e reprodutores das mais diferenciadas expressões da cultura popular brasileira. Dentro dessa imensidão de rostos e obras, propomo-nos aqui a estudar a obra de João Cabral de Melo Neto, “Morte e Vida Severina”, na qual já partindo do título temos o vislumbre do papel da morte nas maneiras e reflexões de seus personagens, que acabam por coincidirem com pontos importantes do imagético da população nordestina e brasileira a respeito da morte.

No entanto, a obra tem muitos caminhos a serem percorridos para se entender a própria forma como a morte nos é apresentada pelo autor. Para seguirmos as trilhas dessas estradas precisamos refletir sobre alguns pontos os quais já fiz menção na introdução. Relembrando-os: o sertão, a seca, a questão agrária e a migração. Partiremos destes pontos, mas não faremos a caminhada sozinhos, muitos nos acompanharam nessa reflexão e esperamos que só venham a colaborar para o nosso desempenho. Vamos começar, então.

Falamos, anteriormente, em imagético popular ao nos referimos às formas de expressão do mesmo nas produções artísticas e sociopolíticas brasileiras. Cada percepção é formada a partir das experiências, sentimentos e ações que cometemos no real e isso produz

uma série de ideias e valores a respeito dos mais variados assuntos. A geografia do sertão brasileiro também foi e é alvo dessa construção imagética e isso vem mudando ao longo dos séculos dentro das camadas sociais do país. Para entender o sertão é preciso considerar um fato muito importante: o sertão se refere a várias partes do país, nos mais diferentes estados e regiões. Vai desde uma indicação espacial de localização, a uma referência às circunstâncias climáticas que envolvem determinado ambiente, como podem também se referir a um período do ano num determinado lugar, entre outras coisas. Não há uma ideia fechada e imutável do sertão e do que o caracteriza e isso vem sendo construído há muito tempo dentro da escrita nacional. Ivone Barbosa (BARBOSA, 2000), pesquisadora e historiadora da Universidade Federal do Ceará, ressalta as variadas formas como o sertão nordestino foi sendo percebido na literatura cearense e como esse olhar foi transmutando-se ao longo do tempo, respondendo às mudanças políticas e ideológicas que o país sofreu com as mudanças de regime político e com as atividades agrárias na região.

Barbosa trabalha a relação entre a produção literária e as concepções que foram sendo estabelecidas sobre o sertão e o povo que nele habita. Observamos que a sua obra foca numa relação profunda, segundo compreendemos, entre obras de grande sucesso e repercussão na literatura brasileira, assim como a forma como o próprio sertão foi sendo percebido não apenas por pessoas que se situavam no sudeste e sul, mas dos próprios nordestinos e cearenses, principalmente para estes, os que habitavam na capital cearense, Fortaleza. Há ainda a força que essas interpretações do sertão tiveram nas ações tomadas pelos grupos detentores do poder político e econômico.

Analisando a obra de Barbosa, verifica-se que o espaço sertão é algo inacabado e sempre propenso a novas ideias. De início, a fartura e a beleza da região é apresentada de forma magnífica e a mistura das raças é embelezada e tornada épica por José de Alencar em suas obras indigenistas. A visão romântica da miscigenação, assim como a construção de um passado heroico foram muito importantes para a construção do imaginário brasileiro a respeito do sertão. E não apenas deste, mas de toda a nação. A necessidade de se contar a história o nosso país, de identificá-lo e atribuir-lhe um passado, com algo mais substancial do que a tradição oral, tinha como objetivo não apenas construir uma visão heroica, mas promover uma ideia de independência do país em relação a Portugal, tornando-se culturalmente diferente. Como observamos em Antônio Cândido, cada produção literária

corresponde a uma necessidade social e política. Corresponde ao momento em que o autor escreve e a maneira como ele vê e interpreta o real. Com o período imperial, construir uma história do Brasil era fundamental e a nossa literatura, fruto da observação das paisagens e das atividades dos grupos populacionais, assim como das falas e histórias contadas pelo povo, colaborou e muito para essa formulação.

Voltando a Barbosa, o sertão passou a ser o lugar das conquistas, das expedições, mas também dos perigos e isso com o tempo acabou por diluir essa primeira imagem romântica do sertão. Este passou a ser marcado por muitos perigos, não apenas de os de ordem geográfica e climática, como a questão da seca que no século XIX tornou-se muito comum como paisagem para as obras cearenses, mas também da jagunçagem, da pistolagem e de uma desordem social, do incivilizado. O sertão começou a ser visto sob uma visão mais “dura”, digamos assim. Local de trabalho árduo, sem muito contato com o mundo dito “civilizado”, o sertão passou a identificar o lugar do primitivo e do longínquo para a população que vivia nas grandes cidades próximas ao litoral. Essa questão do primitivo refere-se também às formas de trabalho desenvolvidas por esses grupos populacionais; às relações de mando e obediência entre latifundiário/coronel e os sertanejos; as construções de habitação que se caracterizavam pelo uso do barro e da madeira; e a própria religiosidade dos indivíduos, apresentada por Euclides da Cunha, em “Os Sertões”, de forma fanática e que beirava a ignorância.

As pessoas não se interessavam muito por ir até esse espaço. Mantinham suas fazendas - pois era no sertão onde a maior parte dos latifúndios se encontravam - mas era uma região ainda muito despovoada, com grandes distancias entre os povoados e mesmo entre as casas. Isso propiciou o que Passos Guimarães (GUIMARÃES, 1968) vê como um problema da distribuição da terra desde o início da colonização. Os espaços utilizados para produção de bens alimentícios, ou mesmo de algodão ou açúcar eram distantes uns dos outros e ficavam sob o domínio de um único indivíduo ou de um pequeno grupo destes. A liberdade de uso da terra e as leis que a Coroa Portuguesa, na época da colônia, promoviam, acabaram por deixar a terra nas mãos daqueles que detinham os mecanismos e instrumentos para utilizá-la e dela tirar o produto que era a base da economia de exportação do país nesse período, o açúcar. Como a terra era o principal bem econômico naquele momento da história do Brasil, quem detinha o domínio da terra e controlava os instrumentos de uso da mesma, controlava o espaço e as pessoas que nele residiam e que estabeleciam relações de dependência com esses

grandes senhores, que em muito lembravam à Passos Guimarães as estruturas feudais da Idade Média.

As grandes monoculturas colaboraram para esse quadro sociopolítico. Grandes extensões de terra com um único produto e a exportação deste fornecia riquezas aos proprietários, e estes podiam contratar pessoas para manter o controle sobre os indivíduos que em suas terras trabalhavam. Esse quadro só se cristalizou ao longo do tempo, expressando toda a sua força no que conhecemos por coronelismo, que marcou a primeira metade do século XX e as ações políticas da Primeira República. O início das jagunçagens se dá dentro desse processo de cooptação de indivíduos, principalmente daqueles que eram fruto da mestiçagem. O sertão passa, nesse ponto, a simbolizar um local de perigos e de luta pela sobrevivência, não só pelas condições climáticas, principalmente no Nordeste brasileiro, mas em decorrência das brigas entre os grandes proprietários de terras na sua busca por poder e território. O controle não estava no governo da Coroa, nem no Império, quando este se estabeleceu, nem na República quando esta tomou forma no final do século XIX. Estava, sim, na mão dos grandes fazendeiros, senhores de engenho e coronéis que existiram ao longo da história brasileira. O sertão tornou-se o lugar do perigo para aqueles que viviam nas capitais e no litoral. A lei estava sob o controle dos homens de poder e a obediência era necessária a quem estivesse sob suas ordens. O sertão saiu de uma imagem da conquista, do mágico e do heroico, para o espaço do medo, do apadrinhamento, da jagunçagem, das brigas por terra e da subserviência dos mais pobres.

Com o tempo, a seca tornou-se mais uma característica usada para designar a situação de atraso do sertão em relação ao litoral, assim como um dos perigos de se morar lá. A fome, resultante do estado de seca, tornou-se uma característica da formação do jeito de ser sertanejo. O homem bravo, de porte forte, mas humilde, que caracterizou o sertanejo nas primeiras obras literárias, apresentou-se como um símbolo da barbárie; transfigurou-se no fugitivo da seca, da fome e da morte que passaram a simbolizar o sertão. Barbosa também ressalta essa mudança, ao falar das instituições que compõem o sertão, a partir da escrita dos séculos XIX e XX. A seca torna-se a principal forma de se pensar e falar do nordeste e do sertão desde o final do século XIX. As secas de 1877 e as do início do século XX marcaram a visão brasileira dessa região e do seu povo.

O sertão e a vida dura do sertanejo, sua relação com a fome e a seca, além de sua compreensão do mundo e da morte foram retratadas em muitas obras - “Grande Sertão: Veredas”, “Vidas Secas”, “Morte e Vida Severina”, “Os sertões” - entre outras e que se tornaram grandes obras da literatura brasileira, e que podemos compreender porque acabaram por encontrar grande respaldo na sociedade como um todo. Alguns leitores podem ter se identificado com as condições desses povos descritos; outros, considerado um grande trabalho etnográfico; outros, apenas um triste relato da vida de parte da população brasileira. O que devemos levar em consideração é o sucesso que essas obras alcançaram no público leitor brasileiro da época. A literatura pode não ser o real, pode não representá-lo em sua totalidade, mas existem aproximações e estas são percebidas pelo público leitor.

Como Antônio Candido (CANDIDO, 1969) explica, a obra literária é o resultado da compreensão e relação do autor com o meio histórico e sócio-espacial no qual está inserido. A obra é um diálogo e este pode encontrar resposta na sociedade pela forma como é percebido, lido, publicado, comentado. A repercussão da obra depende de como o público foi atingido por ela, principalmente porque todo autor tem um público com o qual quer se comunicar através de seu texto. Nada da obra se desvincula da sociedade, da realidade. É uma interpretação dela. E por isso, aqui estamos promovendo essa discussão, para entender a importância de se estudar uma obra literária e como ela colabora para a produção do conhecimento.

A partir disso e voltando a discussão dos textos que tratam do sertão e do seu povo, um fato importante que compreende grande parte da trajetória desses personagens e dos próprios indivíduos reais é o processo migratório que vemos registrado nas obras e nos registros políticos e econômicos dos séculos XIX e XX, e que são percebidos até hoje, apesar de em menor escala – essa devido a atual política de financiamento ao agronegócio, assim como o incentivo à produção agrícola dos pequenos agricultores - ou em sentidos contrários – como uma migração inversa, ainda em baixa escala, onde as pessoas estão saindo dos grandes centros urbanos e se dirigindo às áreas mais para o interior dos estados e das regiões brasileiras. A seca e a fome, ou mesmo a própria condição da falta de terras para os pobres, pois aquelas se encontravam e ainda se encontram na mão de homens ricos e latifundiários, obrigou grande parte da população a migrar atrás não só de escapar da miséria, mas de adquirir melhores condições de vida. Isso acabou tornando-se o sonho de milhares de



brasileiros que deixaram sua cidade natal e partiram ou só ou com seus familiares em busca de terras ou de empregos.

Os índices migratórios nos períodos de seca são comprovadores dessa esperança. Rios (RIOS, 2001), ao situar a condição de criação dos campos de concentração no Ceará em 1932, enfatiza o grande fluxo migratório da população pobre do interior do estado e como as populações litorâneas e os detentores do poder estatal viam isso e que posicionamento passaram a tomar a respeito dos migrantes. A seca de 1932 aconteceu num período em que uma série de medidas por parte do governo estadual eram tomadas, a fim de tornar o estado do Ceará o símbolo da terra da luz do progresso. Os investimentos no comércio e no turismo se tornavam o objetivo principal da administração pública para a década que se iniciava e a chegada da seca nos fins do ano de 1931 vieram anuviar um pouco o alcance destes objetivos para os empresários e políticos. A seca traria a grande massa de retirantes à capital idealizada, que os empresários tentavam construir.

Os campos de concentração fora uma das formas de controlar essa massa populacional que vinha para a capital e conseguir dar continuidade ao novo projeto arquitetônico para Fortaleza. O objetivo foi não apenas restringir o espaço do migrante, como aproveitá-lo como mão-de-obra. O incômodo que a população fortalezense, no caso, sentia a respeito dos migrantes era observado nas reclamações nos jornais e na fala dos políticos na capital. A notícia da criação dos campos de concentração agradou a muitos habitantes da capital.

Nos jornais de Fortaleza vários cidadãos concordavam com os Campos de Concentração, reconhecendo que as ruas da cidade estavam mais tranqüilas e lembrando que os retirantes ausentes das ruas estavam em lugar digno, onde eram alimentados, higienizados e tratados até com relativo carinho. (RIOS, 2001, p. 48).

O período da Bella-Époque em Fortaleza não podia ser prejudicado com a vinda dos pobres para a capital. Como a maioria dos migrantes não poderia ser absolvida por Fortaleza muitos passavam a mendigar e a morar nas ruas. O incômodo causado fez com que o governo apresentasse planos para o aproveitamento desses grupos. Além dos campos de concentração, as políticas de apoio a migração para fora do estado ganharam destaque. Os migrantes, fugidos da seca, também se tornaram o principal ponto de investimento do Governo Federal

no Estado do Ceará. Mas nem sempre as verbas destinadas ao auxílio da população carente chegavam até ela.

Entre muitas ações governamentais, a criação de casas de caridade foi bem vinda à situação. Muitos pobres eram recolhidos pela polícia e levados para esses lugares a fim de serem tratados e mantidos longe do convívio social. O principal objetivo desses lugares, pelo menos é o que depreendemos da leitura de Rios, seria uma limpeza da cidade, limpeza daquilo que os ricos não queriam que manchasse sua Cidade Luz. Outra ação do estado cearense foi o encaminhamento, digamos assim, dos retirantes para outros estados, sem custos, a fim de diminuir a população pobre de Fortaleza. Essa medida, porém, não foi do agrado de todos, principalmente de empresários e comerciantes. Tudo porque a ida deles representou uma terrível perda de mão-de-obra que viria calhar bem nos projetos modernizadores e comerciais que se tinham para o estado. Os jornalistas também questionavam a perda dessa mão-de-obra, muitos pautados na visão empresarial da época e cobravam do governo, através das reportagens e demais atividades jornalísticas, novas medidas para refrear a migração desses pobres indivíduos para a capital e ao mesmo tempo evitar a saída deles do estado.

À respeito ainda dessa migração financiada, outros estudos foram feitos abordando esse período, como o de Morales (MORALES, 2002) sobre os soldados da borracha, nome dados aos nordestinos que na década de 30 e 40 migraram com apoio do governo federal para o Amazonas, a fim de trabalharem na extração da borracha. Os problemas enfrentados pelos retirantes nesse processo migratório, mesmo sendo financiado pelos órgãos públicos, foram muitos e sempre marcados pelo descaso desses órgãos com as condições de vida dos migrantes, como, por exemplo, os baixos salários que são obrigados a aceitar para sobreviver. Muitos viajam na esperança de guardarem dinheiro para a família, ou de enviá-lo para esta enquanto estão trabalhando em outros lugares.

No entanto, vale ressaltar que a condição de migrante é encarada pelos mesmos, em sua grande maioria, como um acontecimento temporário. Muitos querem voltar para sua terra natal depois de garantirem uma renda pequena para sua sobrevivência ou se conseguirem dinheiro suficiente para retornar, ou ainda se há uma oportunidade de trabalho na sua própria terra. Aqueles que muitas vezes iam para fora da sua unidade federativa, sendo financiados pelos latifundiários, se encontravam (e isso é algo que podemos observar até hoje) endividados para com estes, pois o transporte, alimentação (não das melhores) eram

adicionadas ao trabalho do migrante. Este se encontrava endividado antes mesmo de sair de sua terra, exposto a exploração dos grandes proprietários de terras. O retorno para casa, quando conseguiam voltar, era duro e sofrido em sua maioria. As condições de vida não mudavam. Muitos não conseguiam passar muito tempo com suas famílias, pois se viam forçados a migrar para outras cidades ou mesmo regiões na esperança de sustentar os que ficavam, pois nem todos podiam acompanhá-los.

A migração foi sempre um grande indicativo não só dos fatores climáticos que assolavam a população dos sertões brasileiros, mas da indisponibilidade de terra para todos. Machado (1993) aborda que o agronegócio veio apenas colaborar com essas condições de exploração e expropriação da terra em que viviam os sertanejos. Para a autora, “A migração é entendida como um fenômeno que se desenvolve na sociedade dividida em classes, e o migrante analisado de acordo com sua inserção no modo de produção, nas suas relações de trabalho, com uma função social determinada” (MACHADO, 1993, p. 25).

O uso dos mais variados instrumentos tecnológicos feitos pelas grandes propriedades, o acesso as sementes e terras de qualidade era e ainda é limitado aos pequenos agricultores. Aqueles que possuem uma pequena propriedade veem-se com problemas no solo, por conta dos insumos e pesticidas agrícolas das grandes fazendas que acabam por poluir sua própria terra, ou mesmo provocar doenças entre a população. Outro problema ainda é a falta de mercado consumidor para seus produtos, já que os grandes latifúndios trabalham mais rápido no plantio e colheita da produção e vendem mais rápido que eles. Com esses problemas, possuir a terra se torna mais um problema do que um bem valioso para o pequeno agricultor, o qual, em muitos casos, se vê obrigado a vender suas posses e ir a busca de emprego. O fato de que, historicamente, grande parte das terras acabou se desgastando com o uso indevido e as práticas de monocultura, gerou ainda mais disputa por terras férteis, na atualidade. Muitos problemas gerados por essa má distribuição e uso da terra são observados até hoje com o desmatamento da Amazônia, a desagregação ambiental de muitas áreas urbanas, a poluição de terras e rios, a desertificação nas áreas do sertão nordestino, entre outros indicadores.

Podemos perceber que falar de sertão no Brasil envolve uma série de experiências e problemáticas que já foram temas de pesquisas e obras literárias nos mais variados espaços do país. É uma temática que abrange as divergências políticas e culturais de um povo diversificado. E como diversos são seus espaços, assim o também são as atividades e

problemáticas existentes. Foi necessário esse diálogo para adentrarmos no que realmente nos interessa aprofundar aqui: os aspectos culturais a respeito da morte e as percepções que dela se tem dentro do espaço sertanejo e, posteriormente, explorar em níveis mais amplos, o que percebemos através da literatura, analisando a obra de João Cabral de Melo Neto, “Morte e Vida Severina”.

## Capítulo II

### Uma morte Severina

“O homem morto ainda é, de certo modo homem social”. (Batista apud Freyre, 2002, p. 21).

Para resumimos o já comentado estado da seca no nordeste que é o palco das atuações dos personagens do autor, basta lembrarmos os muitos livros e demais obras científicas ou não sobre a geografia física e social dessa região brasileira. Desde os períodos coloniais, como nos mostra Marco Antônio Villa (2000), a seca faz parte e ganha espaço na discussão cotidiana sobre essa região. A mudança populacional, para não mencionarmos o termo migração interna, já era comum, mas pouco interesse apresentava à metrópole e aos grupos urbanos. O século XX só fez jogar mais luz sobre essa situação histórica. A seca para os nordestinos, no entanto, já era uma paisagem comum, e os homens sabiam reconhecer os sinais da seca, através da observação do clima e dos animais.

Muitos autores, como Euclides da Cunha, analisaram o povo nordestino focando na perspectiva religiosa, como se apenas esta fator explicasse o comportamento e ações desse grupo populacional, mas não é bem assim. Ter uma forte coesão religiosa não implica, prioritariamente uma visão mística e sobrenatural do mundo a sua volta. O nordestino tem plena consciência das condições de sua terra e da sua própria limitação espacial. Não é uma questão de ignorância, mas de esperança e identificação com a terra. Como podemos perceber em muitas passagens da obra, o nordestino se identifica com cada paisagem e reflete sobre ela como se refletisse sobre si mesmo. Há algo de poético e sublime nessa identificação, o que não o impede de saber quando lhe é melhor partir. Sim, melhor, pois ele tem consciência do quanto sua partida é necessária, pura questão de sobrevivência.

Nesse processo de identificação, a seca torna-se uma das muitas configurações da realidade do nordestino. A morte, que é o que nos objetivamos a pensar na obra anteriormente citada de Cabral, reflete o caráter do religioso integrado ao espaço físico e social da vida desses grupos populares do sertão. Mas do que religioso até, algo de filosófico em suas

apreensões do real. A situação de pobreza é outro condicionante da vida do retirante, porém não é o seu determinante, pois muitos ricos também migraram nos períodos de seca. Esta é, portanto, nosso condicionante físico principal, mas é o medo da morte que acompanha esses grupos, não importando sua condição socioeconômica, que é o motor interno para a tomada das decisões. Não estamos, entretanto, afirmando que esses dois grupos – pobres e ricos – passem pelas mesmas experiências e as encarem da mesma forma. Primeiro, porque são diferentes em muitos sentidos – ambiente de moradia, acesso a recursos, educação. E segundo, porque se veem como diferentes e tendem a reproduzir essa diferença sobre as mais variadas formas, até mesmo no pós-morte.

Em relação a isso, temos a referência mesma de Melo Neto, ao expor as divisões sociais no cemitério, algo que vem sendo progressivamente sendo estudado pela academia nos estudos dos profissionais das áreas de história e ciências sociais, assim como da psicologia. Uma pesquisa muito interessante nesse sentido trata-se da pesquisa de Henrique Sérgio de Araújo Batista (BATISTA, 2002) sobre o cemitério São João Batista, em Fortaleza. Segundo ele, “Ao estudar a arte cemiterial no São João Batista (...), busco problematizar o lugar reservado aos mortos, nesta arena de lutas, posto ser o cemitério um espaço de conflito e de exclusão.” (BATISTA, 2002, p. 12). Ao estudar túmulos dentro de um determinado período e considerando nomes de importantes famílias que neste cemitério foram enterradas, Batista observa, entre muitas coisas, como o investimento na ornamentação e na arte de alguns túmulos expressava, também, uma forma de ostentação de poder das elites. Além disso, as relações entre a cidade e o cemitério são trabalhadas pelo pesquisador, a fim de compreender a relação entre memória, arte e sociedade.

Na obra de Melo Neto, vale ressaltar que a morte não perde seu caráter dramático, mas é apresentada sob a ótica da vida do sertanejo: esse homem que lida com a morte sob as condições da seca, da fome, da migração; que a torna parte significativa de sua identidade como percebemos na seguinte passagem da poesia do autor:

E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,

mesma morte Severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte Severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida). (MELO NETO, 2007, p. 92)

Nessa passagem é ressaltada também a condição da morte como um acontecimento coletivo. Como especifica Junqueira (JUNQUEIRA, 2010), o que se retrata é a morte coletiva, de grupo. Não uma morte individual. Há um reconhecimento entre os sujeitos sociais que figuram naquela condição tanto na vida como na morte. Porém esta não é a única compreensão que se teve da poesia severina de Cabral: um amigo espanhol do autor, psicólogo de profissão, disse a ele que a morte sobre a qual ele escreve é a sua própria. A partir de uma reflexão da morte, de como a imagina e a percebe é que ele conseguiu exprimir a morte para um grupo (JUNQUEIRA, 2010). A passagem abaixo apresenta um pouco dessa morte para os retirantes, como é feito seu ritual fúnebre, diferenciando-o do dos ricos e abastados.

- É gente sem instituto,  
gente de braços devolutos;  
são os que jamais usam luto  
e se enterram sem salvo-conduto.  
É a gente dos enterros gratuitos  
e dos defuntos ininterruptos.  
É a gente retirante  
que vem do Sertão de longe. (MELO NETO, 2007, p. 117)

Nessa passagem onde é travado o diálogo entre dois coveiros – um que trabalha no cemitério “Casa Amarela” e o outro, no cemitério “Santo Amaro -, onde discutem as diferenças entre os que se enterram em cemitério de rico e cemitério de pobre, fica sinalizada a própria expectativa de vida da população pobre e retirante que segundo um dos coveiros, “parece estar decidida a mudar-se toda para debaixo da terra”. A condição do migrante é de precariedade na capital. Casos raros são os do que conseguem “se dar bem” na cidade grande, crescendo economicamente. A maioria da população passa por dificuldades, como as apresentada por Yaponira Guerra (MACHADO, 1993) em sua dissertação, onde no Recife, os retirantes viviam em ambientes abandonados pelo setor público. As casas eram produzidas com os mais variados materiais – poucas as feitas de tijolo e cimento -, as ruas eram pequenas e o esgoto escorria a céu aberto.

As oportunidades de trabalho são o motivo central dessas migrações; a expectativa de adquirir dinheiro para o próprio sustento e o da família, a única preocupação que defendem. Isso se deve ao fator, já explorado no primeiro capítulo, da ocupação do campo pelos grandes latifundiários que detém os instrumentos e meios de produção e expropriam os pequenos agricultores de sua renda. A venda das terras – as quais com o tempo são poluídas pelo uso indiscriminado de pesticidas usados nos grandes latifúndios pelos proprietários e que se espalham para as outras propriedades mais próximas – apresenta-se como a melhor solução. Não querendo perder a terra com a qual se identifica e que passou a amar, o chefe de família muitas vezes deixa mulher, filhos e pais e vai para a cidade atrás de emprego, a fim de adquirir o sustento necessário.

Sobreviver é o objetivo desses migrantes. Muitos não têm a intenção principal de enriquecer e muito menos de viver na capital. A necessidade os obriga a ir, mas sempre há a esperança de voltar para a terra natal, não tanto pelo fato de não conseguirem adaptarem-se a realidade do ambiente urbano, mas a própria saudade do lar, da família e da terra na qual cresceu e na qual trabalhou. Trabalham a terra da mesma forma que trabalham a si mesmos, na maneira como se entendem, observam as mudanças no ambiente e nas pessoas, e interagem entre si. É necessário frisar que não se pode desvincular o homem de seu ambiente. Não pretendemos valorizar aqui, nem exaltar o determinismo geográfico<sup>17</sup> como a

---

<sup>17</sup>Explicar o homem sob a única condição de ser influenciado pelo ambiente onde reside.



principal explicação dessa condição do migrante. Queremos é reafirmar a superioridade das formas de socialização sobre a condição desses sujeitos e que isso se relaciona com o meio.

O homem aprende a viver a partir dos materiais que o ambiente lhe dá, ou mesmo do qual pode extrair e fabricar. Todo grupo tem sua cultura diferenciada e esta revela muito de como as pessoas se socializam entre si. As relações de aprendizado e educação começam com esse “domínio” do ser sobre o meio, como forma de garantir sua sobrevivência. Sendo o meio diversificado, assim também será sua forma de agir e trabalhar ele. As comidas, as bebidas, os modos de falar, de conviver com a natureza, de encarar a morte, entre outros surgem daquilo com o que tenho para viver aquilo que retiro do ambiente e trabalho. Assim o meio tem influencia muito forte sobre a educação do indivíduo e sua socialização, porém ele não determina suas ações integralmente, pois há o convívio com o diferente, com o urbano (no caso dos que vivem no ambiente rural, e mesmo o contrário), com as demais crenças e costumes que são observadas no mundo e que, na atualidade, estão mais acessíveis ao grande público, por meio dos meios de comunicação.

Severino é, portanto, um desses sujeitos. É representante tanto física, quanto reflexivamente – sob o aspecto da análise da vida que leva e da necessidade de mantê-la – do sertanejo retirante. A importância da vida vai sendo antagonizada pela existência contínua da morte na jornada do retirante. Desde o primeiro momento, o personagem identifica sua trajetória de vida e a trajetória de outros indivíduos com a morte. A morte faz parte da vida, auxilia a descrição da existência humana. Ao mesmo tempo em que é seu oposto, todas as formas e táticas de sobrevivência nascem da consciência que o homem tem da sua morte. É claro que essa consciência veio mudando e permitindo ao indivíduo novas formas de encarar – ou mesmo tentar ignorar – e de vivenciar a morte nas sociedades atuais.

As idiosincrasias culturais, no entanto, permanecem. Para além das fronteiras nacionais, há as fronteiras culturais dos grupos sociais. O nordeste tem suas culturas, pois seus indivíduos organizam-se em grupos que se diferenciam entre si. E nessa organização aparecem as diferenças de cuidados com o corpo, com a alimentação, com os tipos de vestimenta, com o trato aos doentes e aos mortos. É nos baseando nessas diferenças culturais que concentraremos nossa atenção na poesia de João Cabral, a fim de entendermos como os grupos sociais, em realidades específicas, enxergam a morte sob prismas determinados.

Segundo escreve Junqueira (2010), João Cabral de Melo Neto nasceu 9 de janeiro de 1920, no Recife, e faleceu em 9 de outubro de 1999, no Rio de Janeiro, pouco antes de completar 80 anos. Durante sua infância viveu em engenhos de açúcar pertencentes a sua família. É primo de Manuel Bandeira por parte de pai e de Gilberto Freyre, por parte de mãe. Foi diplomata em muitos países, e atuou durante muito tempo na Espanha, país pelo qual sentia muito carinho. Sua obra é caracterizada esteticamente por um antilirismo e por um realismo que muito o tornou conhecido no cenário nacional e internacional.

João Cabral de Melo Neto foi um exímio poeta e escritor brasileiro do século XX. Sua poesia traça histórias em torno de sua terra natal e das figuras marcantes que compõem a paisagem nordestina, além de tematizar os lugares pelos quais passou como diplomata, a Espanha principalmente. Dentre elas, destacam-se seus poemas referentes ao Rio Capibaribe e as pessoas do interior do Nordeste. Há em Cabral uma etnografia da vida e do cotidiano desses personagens, apresentados muitas vezes na voz do próprio Rio, como no seu poema “O Rio”, ou na voz dos indivíduos que habitam esta paisagem, dela fazem parte, como o retirante Severino, em “Morte e Vida Severina”, o qual nos propomos a estudar.

Avaliando o caráter etnográfico da obra de João Cabral, devemos constatar a própria composição estética da obra que lhe permite leituras mais amplas do que a simples expressão poética. Descrições dos locais que compõem a paisagem, a obra compõe-se de uma leitura próxima a composição do cordel (grande literatura do Nordeste, importada com o tempo da metrópole ibérica), a contextualização social da obra permitiu ao autor apresentar sua terra e seus personagens mais marcantes, servindo também como expressão de sua crítica ao descaso e preconceito com as massas populares migrantes, no caso de Morte e Vida Severina. Esta obra é um marco na escrita poética de Melo Neto e tem importante valor para compreendermos como se percebia a época os grupos sociais que o autor descreve.

A obra cabralina apresenta uma linguagem muito visual, que permite ao leitor visualizar aquilo que ele descreve, e aguça os sentidos e sentimentos do leitor, como ele mesmo chegou a dizer, “a poesia não é linguagem racional, mas linguagem afetiva. Dirige-se à inteligência, sim, mas através da sensibilidade”.<sup>18</sup> Em “Morte e Vida Severina”, poema mais conhecido e parte da trilogia do autor sobre o povo sertanejo, juntamente com “Cão sem

---

<sup>18</sup> Citação feita por Junqueira na livro da Série Essencial, da Academia Brasileira de Letras. p. 8.

plumas” e “O Rio”<sup>19</sup>, o poeta vai popularizar e confirmar sua linguagem na escrita plástico-visual de sua construção poética, plástica por ser pautada numa busca pelo real, fugindo dos idealismos. O autor é caracterizado por ser materialista e antiespiritualista, tendo sido influenciado pela literatura espanhola. Dentro dessa análise estética da obra feita por alguns consideráveis críticos e literatos brasileiros, é nessa morte cemiterial – e por isso mesmo social e econômica – que a escrita plástico-visual de Melo Neto se evidencia.

João Cabral caracteriza sua obra por uma exposição funérea coletiva. Essa exposição suscita muitas críticas e mesmo observações pontuais, como a já citada do psicanalista espanhol, López Ibor que disse ao autor que a morte por ele trabalhada é, na verdade, sua própria morte. A obsessão pela morte que percebemos na poesia cabralina deriva de seu próprio interesse por ela, daquilo que o preocupa em relação a si mesmo (JUNQUEIRA, 2010). Percebemos aí que a morte abordada pelo autor pauta os momentos e reflexões existenciais e sociais do homem perante a morte. Do próprio escritor como indivíduo social e conceitual sobre uma morte anunciada e apresentada no sertão nordestino.

Mais do que isso, a morte é mostrada desde suas implicações existenciais e de identificação do indivíduo, como também pela distinção social na morte, assim como pela formação e organização de uma “indústria da morte”, além da já largamente discutida dicotomia entre vida e morte que permeia a reflexão do autor através do personagem Severino no final do poema, onde se encerra a jornada do retirante. Sobre essas análises nos deteremos em seguida, a fim de denotar a figuração e simbolismo dessas percepções funéreas tão usadas pelo autor.

No entanto, é importante para a compreensão do leitor conhecer um pouco da obra e da sua história, o enredo que a compõe. “Morte e Vida Severina” retrata a história do jovem Severino, retirante do interior do estado do Pernambuco, que sai de sua terra natal, viajando em direção à Recife. Seu objetivo é fugir da situação de miséria em que vive no lugar onde nasceu e conseguir garantir alguma renda da qual possa sobreviver. Durante sua caminhada,

---

<sup>19</sup>Poesias publicadas, respectivamente, em 1950 e 1954. O primeiro foi, segundo escreve Junqueira, fruto do choque emocional de Melo Neto com uma estatística lançada à época de que a expectativa de vida no Recife era menor 1 (um) ano do que na Índia, cerca de 28 anos. Já o segundo, a cristalização de sua escrita com o uso da geometria da estrofação e o uso das rimas toantes. Segundo Antônio Cândido, João Cabral é um poeta cubista. Ver Junqueira, 2010.

Severino observa a paisagem ao redor e as pessoas que a compõem, refletindo sobre o caminho que faz. Há vários encontros durante a obra que motivam o personagem a seguir caminho até a capital: o encontro com os irmãos das almas, grupo que leva um defunto para ser enterrado em sua cidade distante e com os quais Severino conversa a respeito do morto; sua conversa com uma benzedeira que retrata sua condição de trabalho e as escassas oportunidades de emprego no sertão; e a chegada do personagem a zona da mata, momento no qual ele pensa em parar sua caminhada e descansar por aquelas paragens.

Porém, a chegada ao destino provoca uma reviravolta na imagem que Severino esperava de sua vida na capital. Ao ouvir a conversa de dois coveiros sobre as condições precárias dos retirantes, o personagem se desencanta com sua jornada e pensa no suicídio como a saída para as dificuldades que vem enfrentando. Eis que o autor coloca em cena o surgimento de uma nova vida. Diante de uma conversa com um dos habitantes da área de mangues de Recife, um antigo retirante, Severino se defronta com a alegria do nascimento, com a solidariedade entre os habitantes pobres do lamaçal e com a perspectiva de uma mudança na vida da criança recém-nascida. É dentro dessa conjuntura, um auto de natal como frisa o subtítulo da obra, que a história de Severino se encerra, com uma valorização da vida, mesmo que os viventes sobrevivam em parcas condições de existência. Passamos agora a uma análise da obra acima resumida.

### **A morte como uma indústria.**

Como aqui a morte é tanta,  
só é possível trabalhar  
nessa profissões que fazem  
da morte ofício ou bazar.  
Imagine que outra gente  
de profissão similar,  
farmacêuticos, coveiros,  
doutor de anel no anular,  
remando contra a corrente  
da gente que baixa ao mar,  
retirante às avessas,

sobem do mar para cá.  
só os roçados da morte  
compensam aqui cultivar,  
e cultivá-los é fácil:  
simples questão de plantar; (MELO NETO, 2007, p. 105)

Como percebemos nessa passagem, a morte é tratada como algo comum e habitual, até mesmo passível de se transformar em profissão. A personagem que fala a Severino essas afirmações é uma benzedeira, atividade muito comum no interior do nordeste brasileiro, onde muitas mulheres rezam pela cura, ou mesmo pelo encaminhamento das almas das pessoas. Para essa personagem, a vida que leva no sertão não é de todo ruim, seu trabalho dá lucro suficiente para mantê-la. Além disso, ela aponta outros grupos que “retirante às avessas” saem das capitais e dos litorais e vão para o interior trabalhar com uma profissão que ela considera similar a dela.

Esses profissionais têm como tarefa cuidar da saúde pública, porém muitas vezes não conseguem atingir o objetivo. As condições climáticas, a grande demanda nas comunidades pela assistência, os poucos recursos usados para tratar das doenças são alguns dos fatores que comprometem as atividades desses profissionais. No entanto, se formos pensar sobre a própria fala da personagem, depreende-se do contexto certo tom de acusação quanto a esse grupo de “profissionais da morte”. A vinda desses profissionais para o sertão, contrapondo a ida dos retirantes para a capital, põe em evidência a existência de um lucro que vem a se obter com a morte. As doenças frequentes, os mais variados problemas de saúde que atacam adultos e crianças cobram medidas e ações desses grupos: a venda de remédios, a cobrança de algumas consultas, ou mesmo o desvio de recursos praticado nem tanto por parte dos médicos e profissionais da saúde, mas por sujeitos que trabalham nos órgãos gestores do dinheiro público. Essa realidade é bem abordada por Rios (2001) e Villa (2000). Marlyse Meyer (MARTINS, 1983)<sup>20</sup> cita no seu artigo *Morte na poesia, mortes severinas* essa

---

<sup>20</sup>Foi professora no Instituto de Artes da UNICAMP e reconhecida crítica e ensaísta literária, vítima de um ataque cardíaco em 2010. Recebeu dois importantes prêmios pelo seu trabalho: o “Mário de Andrade”, em 1996, da Fundação da Biblioteca Nacional, pelo seu trabalho como crítica literária, e o “Jabuti”, em 1997, pela obra “Folhetim, uma história”.

profissionalização em torno da morte, quando traça os encontros com a morte que o personagem Severino tem ao longo da caminhada, dentre eles a morte-negócio.

- Vou explicar rapidamente,

logo compreenderá:

como aqui a morte é tanta,

vivo de a morte ajudar.

- E ainda se me permite

que lhe volte a perguntar:

é aqui uma profissão

trabalho tão singular?

- É, sim, uma profissão,

e a melhor de quantas há:

sou de toda a região

rezadora titular. (MELO NETO, 2007, p 104)

Se formos pensar na atividade da própria benzedeira e do coveiro, eles são os que mais conseguem lucros, que não apenas monetários, com essa situação. A primeira personagem, pela própria questão religiosa que permeia a vida do sertanejo, tem mais acesso às pessoas – num sentido de proximidade social e pessoal – e tem a confiança da comunidade, além de prestígio por sua eficácia simbólica como reprodutora das práticas ancestrais de cura e religiosidade. Como a personagem mesmo ressalta, *De um raio de muitas léguas/ vem gente aqui me chamar*. A procura pela figura da benzedeira suscita o forte contraponto aos avanços espaciais da medicina no imaginário popular. Por mais que a figura do médico seja pautada por um status superior, parece ser essa própria condição de superioridade que afasta esse profissional da vida dessas pessoas. A benzedeira, no entanto, é parte da comunidade. O médico é o migrante. É o estranho na comunidade, mesmo que diferentemente do retirante na cidade, tem estabilidade e não propriamente um outsider.

A benzedeira, portanto, carrega em si a marca da religiosidade e da identificação social com a comunidade, apesar de, com os lucros dessa atividade, conseguir se manter em melhores condições do que as pessoas que atende. Já os coveiros são outro grupo que consegue se manter relativamente bem nessas condições de seca e pobreza. Os coveiros cuidam do corpo e do ambiente em que o morto reside, isso mesmo, reside no pós-morte. As comunidades mais carentes continuam a se relacionar com seus mortos de forma mais intensa que os ricos, algo que não conseguimos perceber com clareza ser decorrência da falta de recursos para um enterro mais asséptico e do trato das funerárias, mudanças no ritual fúnebre já referenciadas por Elias (ELIAS, 2001). Os mortos, para esses grupos, estão ainda ali, no cemitério, cuidando dos vivos e, às vezes, servindo de conselheiros para os parentes vivos. É necessário que alguém cuide do novo lugar deles.

Os coveiros parecem também reter em si uma aura de coragem. É fato que as comunidades que habitam o interior dos estados e regiões brasileiras tenham sempre histórias para contar sobre almas penadas e espíritos que vem visitar os vivos pedindo orações. Trabalhar no cemitério, então, é uma tarefa para pessoas corajosas, que não se assustam com os mortos. Experiências com almas que não conseguem encontrar a paz e pedem orações aos vivos, barulhos que ocorrem nos cemitérios à noite sem explicação aparente, murmúrios entre outros sons são frequentes nas descrições que se tem do ambiente cemiterial. O coveiro é a figura viva que habita esse lugar, que convive com essas situações e que cuida do ambiente.

O coveiro, assim como a benzedeira, portanto, mantêm, observamos, no imaginário popular, um lugar que se destaca, por serem figuras que trabalham com a morte, com a cura e o sobrenatural e que fazem parte da comunidade, compartilhando do mesmo universo conceitual. Eles entendem seus dramas e problemáticas, porém se distinguem dos demais por apresentarem uma aura de sobrenatural e de religiosidade mais enfática. Tal característica permeia muitos aspectos da vida desses grupos sociais sertanejos e o fato de o coveiro e a benzedeira terem uma profissão no ambiente seco do sertão, tornando-os nesse ponto independentes do trabalho de cultivo da terra, permitem maior singularidade as suas figuras.

### **A existência da morte.**

morremos de morte igual,  
mesma morte Severina:

que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia. (MELO NETO, 2007, p.92)

Mas não vejo almas aqui,  
nem almas mortas nem vivas; (MELO NETO, 2007, p. 98)

Desde que estou retirando  
só a morte vejo ativa,  
só a morte deparei  
e às vezes até festiva;  
só a morte tem encontrado  
quem pensava encontrar vida,  
e o pouco que não foi morte  
foi de vida Severina  
(aquela vida que é menos  
vivida que defendida,  
e é ainda mais Severina  
para o homem que retira). (MELO NETO, 2007, p.100)

Pelas passagens acima expostas, percebemos como o nordestino apresentado pelo autor lida com a morte de forma próxima, cotidiana. Essa morte passa a ser naturalizada e identificada como parte de vida do indivíduo, algo que o caracteriza e acaba por contribuir em sua definição. Algo que podemos apreender disso também é a relação do homem sertanejo com a espiritualidade, com o sobrenatural, como na segunda passagem acima transcrita. Euclides da Cunha, em “Os sertões”, ao caracterizar o homem sertanejo o define por sua profunda relação com o espiritual, ou o fantasioso. Os casos de encontros com as almas dos mortos é recorrente no interior do nordeste brasileiro. A importância dos ritos funerários serve



em parte para apaziguar os espíritos dessas almas. As excelências cantadas aos mortos pelos vivos, muito comum anteriormente nos velórios, fazia parte dessa tradição de ajudar o morto na transição para o mundo dos mortos. Essas excelências, como a escrita por João Cabral, denotam o simbolismo de auxiliar os mortos na passagem para “o outro mundo” e lembram até mesmo os antigos ritos fúnebres gregos, onde se colocava sobre os olhos dos mortos moedas de ouro para que pudessem pagar ao barqueiro sua entrada no Hades, como podemos perceber na excelência abaixo citada:

- Finado Severino,  
quando passares em Jordão  
e os demônios te atalharem  
perguntando o que é que levas.  
  
- Dize que levas cera,  
capuz e cordão  
mais a virgem da conceição. (...)  
  
Uma excelência  
dizendo que a hora é hora.  
  
Ajunta os carregadores,  
que o corpo quer ir embora. (MELO NETO, 2007, p. 99)

Essa relação do homem sertanejo com a morte surge muitas vezes como algo atrasado e que precisa ser deixado de lado, à cargo das funerárias, por exemplo. No entanto, é necessário entender que a morte figura desde a antiguidade como um mistério para a humanidade. O ato de morrer e os rituais que o acompanham são recheados de conceitos e simbolismos que pautam a relação não só do homem com a morte, mas com a própria forma de se viver. As artes de bem morrer citadas por Vainfas (VAINFAS, 2000) que podemos encontrar em manuscritos sobre a morte na Idade Média, escrita pelos padres e fruto das doutrinas pregadas pela Igreja Católica, expressam claramente que nossas ações em vida promoveram castigos ou glórias no pós-morte. É preciso ser um bom cristão para se ter uma morte pura, digna.

A figura da morte foi encarada de diversas maneiras. Na Antiguidade Clássica, morrer no campo de batalha, numa guerra era a máxima glória para os guerreiros; na Idade Média, morrer como bom cristão, tendo seguido durante toda a vida as determinações da Santa Igreja, era uma condição para se morrer bem; morrer de forma natural indicava uma vida sem vícios, virtuosa, assim como não morrer assassinado ou por acidente, era o indicativo de uma vida de comunhão com Deus e com o próximo, que não era qualquer um.

Essas definições do morrer bem indicavam para o grupo social onde o indivíduo estava inserido uma série de características sociais, comportamentais e morais que o sujeito deveria possuir. A morte tem um respaldo na memória e na vida do sujeito, estigmatizando-o ou louvando-o perante a comunidade. Os mortos nos lembram tempos passados, a simplicidade ou as glórias antigas. Como discutido antes, a morte e os mortos fazem parte de nossa identificação e isso podemos observar na referência aos nossos antepassados.

### **A divisão social antes e depois da morte.**

- As avenidas do centro,  
onde se enterram os ricos,  
são como o porto do mar;  
não é muito ali o serviço:  
no máximo um transatlântico  
chega ali cada dia,  
com muita pompa, protocolo,  
e ainda mais cenografia.  
Mas este setor de cá  
é como a estação dos trens:  
diversas vezes por dia  
chega comboio de alguém. (MELO NETO, 2007, p. 114)

- É, deixo o subúrbio dos indigentes,  
onde se enterra toda essa gente  
que o rio afoga na preamar

e sufoca na baixa-mar.  
- É a gente sem instituto,  
gente de braços devolutos;  
são os que jamais usam luto  
e se enterram sem salvo-conduto.  
- É gente dos enterros gratuitos  
e dos defuntos ininterruptos. (MELO NETO, 2007, p. 117)

- Mas o que se vê não é isso:  
é sempre nosso serviço  
crescendo mais cada dia;  
morre gente que nem vivia. (MELO NETO, 2007, p. 118)

As passagens acima foram extraídas do diálogo entre dois coveiros, que o personagem Severino ouve assim que chega a Recife. Os dois coveiros falam sobre seus respectivos trabalhos e o desejo de mudar de cemitério. Na fala deles o motivo para a mudança se expressa no número de mortos e nas respectivas classes que correspondem a estes. Não se fala em classes sociais, propriamente, na obra, mas de grupos sociais. Vamos aos pontos que são destacados na conversa desses dois personagens e que terão profunda importância na decisão que Severino decide tomar posteriormente.

A morte é apontada como acontecimento comum aos pobres, algo ao qual eles estão acostumados a vivenciar, como na comparação que um dos coveiros faz entre o trem e os defuntos pobres. As condições de vida dos pobres, especificando aqui os retirantes pernambucanos, são pautadas pelas dificuldades e pela miséria a qual são relegados assim que chegam ao Recife. A dificuldade de serem admitidos em um emprego e a carestia dos produtos e das casas para alugar, em decorrência da especulação imobiliária, fazem com que esses retirantes se fixem em ambientes onde a qualidade de vida é precária. Machado (1993) descreve em sua dissertação como residem muitos desses retirantes que chegam a Recife abordando a realidade de uma favela na qual realizou sua pesquisa. Ruas estreitas; esgoto a

céu aberto; muitas casas sem acesso à energia e à água; essas são algumas das características da comunidade levantadas por Guerra. Além disso, o fato de não terem uma residência fixa, visto que a ocupação de espaços públicos, ou mesmo privados, que não estejam sendo usados, gera uma sensação de insegurança quanto ao dia de amanhã. O risco de uma desocupação por parte dos efetivos donos da terra torna a busca por emprego e estabilidade, por parte dos migrantes, algo inatingível.

Essa situação de habitação prejudica a saúde populacional, a inacessibilidade às condições básicas de higiene e saúde, assim como o pouco acesso à alimentos de qualidade, colaboram para um aumento considerável do número de mortos. Na obra, quando Severino chega as proximidades do cais, logo após o diálogo entre os dois coveiros, ele vê as casas dentro dos lamaçais que pertencem a esses grupos, único ambiente no qual conseguiram se manter.

Voltando ao diálogo dos coveiros, em um dos pontos eles ressaltam a condição de vida dos indivíduos acima citados, *que desce para o litoral, sem razão/ fica vivendo no meio da lama,/ comendo os siris que apanha*. Percebemos nessa fala que os coveiros tem a impressão de que o nordestino retirante sai do seu interior sem razão para viver no meio da pobreza e da miséria como se fosse uma escolha consciente da parte deles. Muitos, tais como a população urbana das cidades com grande número de migrantes, parecem compartilhar dessa ideia e culpam os próprios retirantes pela situação que vivenciam nos centros urbanos. As falas dos coveiros ressaltam, acreditamos, o que João Cabral observou na sua infância em Recife, que muitos não entendiam, ou não queriam entender, a necessidade e a busca por sobrevivência do retirante. Este que sai de sua pequena propriedade fugindo da seca e da fome, e se dirige à região litorânea, na esperança de garantir sua sobrevivência, mas que, em muitos casos, se percebe em condição parecida com a que abandonou. Condição de preconceito, de fome, de instabilidade e de desalento.

Devemos ressaltar que na conversa dos dois coveiros, eles falam a partir da sua experiência de trabalho. Um deles, que trabalha no cemitério da Casa Amarela – pela descrição, onde se enterram os pobres –, faz essas reflexões pelo número de mortos que enterra e que correspondem aos dos habitantes dos bairros onde residem as classes menos abastadas, com indivíduos sem emprego fixo, como observamos na passagem, *deixo o subúrbio dos indigentes*. No entanto, devemos apontar a distinção feita dentro dos grupos

pobres, afinal a morte também é morte de classe<sup>21</sup>. Ao dizer que deixa de trabalhar com os corpos dos indigentes, o coveiro afirma que irá trabalhar com os subúrbios dos industriários, ferroviários e rodoviários, que “*não são tão contagiosos/ e são muito menos numerosos*. Observa-se aí que os pobres eram separados e distinguidos entre si, principalmente pelo emprego que possuem.

Se levarmos em conta o período no qual o autor escreve (1954-55), vemos que foi logo após uma das grandes secas que atingiu o Nordeste no século XX, a de 1951-53. O número de retirantes no litoral nordestino e de migrantes para outras regiões deve ter aumentado consideravelmente nesse período, como ocorreu em todos os grandes períodos de estiagem. As políticas públicas de assistência a esses grupos retirantes, vítimas da seca, já existiam, mas foi no século passado que eles ganharam maior destaque como a formação dos Campos de Concentração no Ceará, na seca de 1932<sup>22</sup>, o financiamento governamental a migração dos nordestinos para a Amazônia<sup>23</sup>, no mesmo período, e a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) na década de 50. As secas, como já abordamos, sempre aconteceram, mas foi a partir da seca de 1877-79 que a situação das comunidades nordestinas passou a ser mais visualizada pelas elites. Como Rios nos mostra, a seca de 1932 promoveu uma série de medidas por parte do governo estadual e federal para auxílio desses grupos.

Podemos compreender que o número de migrantes era muito elevado no período ao qual Rios se refere e que não havia nas cidades suporte para receber tantos deles. No entanto, o abandono nos quais viviam esses indivíduos e as remoções aos quais foram expostos pela sua ocupação de espaços sem uso, não só da parte de particulares, mas da própria administração municipal, proporcionou aos demais grupos sociais uma incompreensão com a atitude tomada por esses retirantes. Como expresso na fala dos coveiros, eles simplesmente saíam de uma situação de pobreza para enfrentar a miséria na cidade grande, ou como afirmado vinham morrer na capital.

---

<sup>21</sup> Martins (1983).

<sup>22</sup> Rios. Campos de Concentração do Ceará: isolamento e poder na seca de 1932. (2001).

<sup>23</sup> Morales. Vai e vem, vira e volta: as rotas dos soldados da borracha. 2002.

- Não é viagem o que fazem,  
vindo por essas caatingas, vargens;  
aí está o seu erro:  
vêm seguindo seu próprio enterro. (MELO NETO, 2007, p. 119)

Compara-se a caminhada do retirante ao cortejo fúnebre. Não se expressa na fala dos coveiros a mínima esperança de mudança para os retirantes que chegam à capital, mas uma situação igual a que encontravam no sertão: a morte certa. Para Severino e outros tantos retirantes que saíam de sua terra em busca de melhores condições de sobrevivência, como afirma o próprio Severino depois: *esperei, devo dizer,/que ao menos aumentaria/ na quartinha, a água pouca,/ dentro da cuia, a farinha;* perceber que não conseguiriam nem isso só piorava a situação de desamparo que se apresentava a sua frente. Muitos não tinham como voltar para casa, pois o custo era muito alto e a ajuda, pouca. Para o personagem Severino, a morte apresentou-se neste momento como a única saída para aquela situação, adiantando o que os coveiros afirmavam ser seu destino e os de muitos outros retirantes. Pode-se inferir – não temos acesso a dados que confirmem essa hipótese – que muitos outros Severinos devem ter pensado, ou mesmo confrontado, esse destino.

A percepção que se tem da morte, nesse momento, encara uma mudança. Depois de tanto lutar contra ela, e de encontrá-la por onde passava, o personagem viu nela sua única opção. Parece nesse ponto da obra que o autor enfoca a crise pessoal do indivíduo. A existência da morte torna-se o principal pensamento e, da mesma forma, o único conforto e amparo que vai encontrar naquele ambiente. No entanto, o final do livro vem se contrapor a inclinação ao suicídio expressa na fala de Severino, abaixo citada, pois vem ressaltar a importância da vida mesmo diante da adversidade. Uma aposta em sua defesa, como nos explica Meyer, e é sob essas condições que o Auto de Natal atinge seu ápice. A comemoração pelo nascimento; os presentes humildes dos vizinhos; as predições de uma vida melhor do que a do mangue para a criança; expõem ao leitor e ao próprio Severino a resposta a seguinte indagação:

Seu José, mestre carpina,  
Que diferença faria

Se me vez de continuar  
Tomasse a melhor saída:  
A de saltar, numa noite,  
Fora da ponte e da vida? (MELO NETO, 2007, p. 123)

E essa resposta vem no nascimento do filho do interlocutor, mestre carpina, último personagem com o qual Severino se encontra. Na reprodução do autor de natal, são exploradas as predições do destino da criança feitas pelas ciganas e que pressupõem uma mudança na sequência de vida dos habitantes do lamaçal:

Enxergo daqui a planura  
Que é a vida do homem de ofício,  
Bem mais sadia que os mangues,  
Tenha embora precipícios.  
Não o vejo dentro dos mangues,  
Vejo-o dentro de uma fábrica:  
Se está negro não é lama,  
É graxa de sua máquina. (MELO NETO, 2007, p. 129)

A entrega dos presentes é mantida, mas caracterizada pela pobreza dos habitantes. No entanto, é essa solidariedade que marca o cotidiano dos que enfrentam a mesma dura realidade. Como nos diz Meyer, o poeta torna convincente e verossímil o evento da natalidade como o milagre que justifica a luta pela vida. Uma vida que à nós parece vir sendo negada desde o início da poesia e da caminhada de Severino. Uma negação expressa e ratificada em cada um dos encontros do personagem principal com a morte.

é difícil defender,  
Só com palavras, a vida,  
Ainda mais quando ela é  
Esta que vê, Severina;

Mas se responder não pude  
À pergunta que fazia,  
Ela, a vida, a respondeu  
Com sua presença.  
E não há melhor resposta  
Que o espetáculo da vida:  
Vê-la desfiar seu fio,  
Que também se chama vida,  
Ver a fábrica que ela mesma,  
Teimosamente, se fabrica. (MELO NETO, 2007, p. 132)

A vida passa a ser defendida, mas só porque houve o contraponto da aceitação de um adiantamento da morte, de que ela era “a melhor saída”. Percebendo a morte em seu cotidiano e explorando todas as implicações sociais, econômicas, políticas e culturais que a partir dela vão sendo questionadas, que a vida tem anunciada sua continuidade, a necessidade de não se deixar abater, e a determinação mesma de mudar sua realidade. Fica-se entendido, então, que só com a afirmação da existência da morte e não com sua negação, é que o homem reflete sua vivência. Isso é percebido até hoje, nas buscas por prolongar o tempo de vida, no uso de remédios, nas mudanças das práticas alimentares, entre outras. É a nossa consciência da finitude, o que tanto nos diferencia dos demais seres vivos, que nos permite refletir e compreender por que ela, a indesejada das gentes, como nos afirma Saramago, nunca poderá deixar de ser discutida e estudada, não deixando suas discussões de serem atuais e pertinentes, mesmo ante as mudanças globais que moldam a humanidade.

*SOMOS MUITOS SEVERINOS/ IGUAIS EM TUDO E NA SINA...*



## Capítulo III

### A morte e o morrer

A morte vem alcançando espaço significativo nas pesquisas realizadas no espaço acadêmico. Isso porque os pesquisadores sociais – antropólogos, sociólogos, historiados, psicólogos, entre outros – vêm percebendo mudanças importantes na relação entre vivos e mortos, além de uma atitude de negação da morte. Negação no sentido de que as pessoas tentam negar, ou esquecer, a existência de sua própria morte. Medicamentos, plásticas, entre outros mecanismos são usados pela modernidade para esconder o envelhecimento e a ideia de uma morte próxima. A juventude é a vida, a força. A velhice está sendo reduzida ao fim, a morte.

A relação entre vivos e mortos a qual me referia anteriormente e que se contrapõe a essa visão moderna da velhice e do fim é aquela do cuidado com o morto que os vivos tinham antes. Esse cuidado e a importância dele é muito destacada por Roger Chartier (2004) ao analisar as obras criadas no fim da Idade Média sobre a morte. A primeira delas e que foi muito divulgada após a invenção da imprensa trata-se da *Ars Moriendi*. Nessa obra eram retratadas as formas de bem morrer e o que ocorria com o espírito do morto se seguisse ou não as normas estabelecidas e divulgadas pela Igreja Católica. Não morrer sozinho era uma das principais regras a serem observadas. A morte era vista como uma passagem e necessitava de um ritual. As pessoas próximas aos mortos deveriam orar e colaborar para uma boa morte.

O trato com os moribundos era muito mais próximo do que na contemporaneidade. Até mesmo o tratamento da velhice é diferenciado. Os idosos conviviam com seus filhos e netos e morriam dentro do ambiente familiar; atualmente, são internados em asilos, ou acabam por residirem sozinhos, apenas em companhia do cônjuge ou de uma pessoa contratada para cuidar dele. Ao morrerem, as pessoas eram preparadas para os ritos fúnebres pela própria família; hoje temos grupos especializados que atuam nesse âmbito e que coordenam o ritual funéreo.

Cuidar das pessoas à beira da morte; ficarem com elas até o fim de suas vidas; preparar o corpo para o velório; velar o corpo; enterrá-lo. A morte era e ainda é, marcada por rituais. A morte era celebrada em muitos grupos indígenas e em comunidades não industrializadas, o que não significa que estas ficassem felizes com o fim de uma vida, mas

demonstravam a necessidade ritualística e a importância que ela detinha na comunidade. O corpo e a própria alma do indivíduo deveriam ser cuidados e “encomendados” ao outro mundo (purgatório, por exemplo) de forma ritualística e sem erros. Viveiros de Castro já havia observado em algumas tribos indígenas que o principal objetivo do ritual era mostrar ao morto a sua condição de morto<sup>24</sup>.

### **A Morte na História.**

Se formos situar historicamente, os homens viam a morte desde a antiguidade como um momento importante para a comunidade. A morte era encarada de forma espiritual e ritualística. Em sua obra “A Cidade Antiga”, Fustel de Coulanges (COULANGES, 2009) apresenta esses rituais, apontando também para o início da religiosidade do homem a partir das ações dos vivos para com os mortos. Estes sempre provocaram certo temor e respeito nos vivos e isso fez com que estes quisessem manter uma convivência tranquila baseada em rituais que “acalmavam” os espíritos. Fustel ainda aponta para o fato de que os mortos eram tratados como os deuses ou conselheiros e fundamental uma religião predominantemente familiar. Os antepassados influíam na vida dos indivíduos e se devia respeito a eles. No caso do casamento, por exemplo, ao deixar a casa do pai e se casar, a mulher é iniciada na religião familiar do marido e assume os antepassados destes como sua família, sendo também protegida por eles.

No entanto, essa relação mudou ao longo do tempo. Maria Luiza Marcílio (MARTINS, 1983), em um artigo publicado na obra *A morte e os mortos na sociedade brasileira*, faz uma análise histórica da morte e o mecanismos de auxílio à pesquisas nessa área de estudo e expõe, entre outras coisas, que a relação do homem com a morte passou por quatro períodos, ou tempos, como exposto abaixo:

(...) primeiro, há a morte aceita, aprivoisée, onde domina, na primeira Idade Média, a simplicidade, a socialização do homem com a morte, a parca ou nenhuma preocupação com o destino futuro dos corpos. Com o século XII, o ‘mundo pleno’

---

<sup>24</sup>Segundo Viveiro de Castro, alguns dos grupos indígenas por ele estudado encaram sua existência humana como uma “fase”. Um dos seus rituais servia para mostrar ao morto que ele não pertencia mais aos humanos, pois ele não tem consciência de si. A mitologia desse grupo acreditava que os seus membros, ao morrerem, assumiam uma nova existência, às vezes vindo como um animal. Um exemplo era dado pelos próprios indígenas para explicar fatos considerados estranhos por eles. Um homem que, enquanto caçava, encontra uma onça ou algum animal perigoso e não era atacado por este significava que era algum irmão indígena que acabou se tornando aquele animal.

da Europa medieval, as mudanças já estão agindo, lentamente, no sentido de uma morte vista com maior dramaticidade, individualidade. Com o século das Luzes e do Barroco, a morte começa a ser dramatizada, exaltada. (...) a partir dos anos de 1950, mais especialmente, percebe-se uma revolução brutal e rápida nas idéias e sentimentos coletivos. A morte, tão presente outrora, tão familiar, vai apagar-se e desaparecer. Ela torna-se vergonhosa e objeto proibido. (MARTINS, 1983, p.63)

Essas mudanças tem forte impacto sobre todos os demais setores da vida social dos indivíduos. Mas devemos assinalar que cada religião e grupo social e cultural têm suas próprias formas de se compreender e agir perante a morte. Se nos focarmos na Igreja Católica, durante a Idade Média, sua pedagogia se fundava na crença de uma existência espiritual do indivíduo após a morte, uma ideia de paraíso, e que para alcançá-la os indivíduos deveriam ter certos cuidados em vida. Já comentamos a preocupação com o momento da morte, mas a preparação em vida para o momento final da existência humana merece atenção.

### **O homem e a morte – as formas de bem morrer e o caso brasileiro.**

Não apenas respeitar os mandamentos de Deus e da Igreja enquanto vivos serviria para promover uma boa morte. Ir a Igreja, fazer caridade, fazer doações a Igreja, ser um cidadão respeitado, bem casado, uma mulher que seja submissa ao pai ou ao marido, ter uma vida regrada e não se deixar levar por vícios, tudo isso era preocupação dos vivos para terem uma boa morte. E o que seria esse “morrer bem” ou, como foi popularmente conhecido, “boa morte”? Uma morte sem violência ou trauma era considerada ideal. Desde a Idade Média esse ideal era repassado, mas as mudanças socioeconômicas observadas na Europa desde o século XIV e mesmo antes – com a peste negra, as cruzadas, os problemas dentro da Igreja Católica com o Grande Cisma do Ocidente, o crescimento urbano e as mudanças políticas e religiosas -, promoveram uma maior individualização na população e isso influenciou na maneira como a morte passou a ser encarada.

No entanto, no Brasil, em decorrência de sua posição como colônia, muito jovem em relação à Europa, e profundamente influenciado pelos missionários e demais representantes da Igreja Católica reformada, ainda foi catequizado para seguir as normas do bem viver e morrer. Segundo Vainfas (2000), muitos manuais de bem morrer foram encontrados em bibliotecas do Brasil Colônia. Era uma preocupação que advinha desde a Idade Média e da pedagogia do medo empregada pelo catolicismo, a fim de manter seus fiéis sob controle.

Receber a extrema-unção, ter um velório digno; ter missas de corpo presente, e missas de mês ou ano de falecimento, eram algumas das práticas ritualísticas impostas pelo catolicismo sobre a sociedade ocidental. Essas práticas e um testamento onde elas eram especificadas aconteciam muito entre as camadas mais ricas da população.

Aqueles indivíduos que possuíam mais recursos conseguiam ser enterrados dentro de igrejas e capelas, onde se acreditava estarem mais próximos de Deus e dos santos. Segundo Reis (REIS, 1991), havia uma geografia social dos mortos, sendo estes enterrados dentro ou fora das igrejas. Aqueles que tinham melhores condições financeiras em vida, que tivessem cumprido suas obrigações religiosas, seriam enterrados com pompa e grande cortejo, além de ter um lugar dentro dos espaços sagrados da igreja. Esse mesmo autor cita, estudando um movimento baiano sobre as condições de enterro dos mortos no século XIX, que “Os funerais de outrora, e em particular os enterros nas igrejas, revelam a enorme preocupação de nossos antepassados com seus próprios cadáveres e os cadáveres de seus mortos” (REIS, 1991, p. 24).

#### **As religiões e a sua relação com a morte.**

Mas não havia somente uma preocupação com o corpo. A alma também precisava de atenção. Eram por isso necessárias as rezas e orações pelas almas daqueles que partiam; a celebração de missas lembrando a vida destes e justapondo uma relação de finitude e de imortalidade da alma nos fiéis. É claro que essas percepções estão assentadas no discurso e nas práticas católicas, mas há muitas proximidades com as demais religiões e seus discursos sobre a morte e a influência dos mortos sobre os vivos.

Essas outras religiões que se introduziram no Brasil no início do século XX merecem ser apresentadas, tais como o espiritismo, o protestantismo e suas divisões, e as religiões africanas. O espiritismo acredita no retorno da alma ao mundo físico, numa busca pela evolução espiritual, a partir da resolução dos problemas que a alma deve resolver de suas vidas passadas e cumprir com um papel previamente estabelecido no mundo espiritual antes de sua encarnação. Há nesse grupo uma perspectiva singular de percepção da existência humana, apontada por Bernardo Lewgoy (LEWGOY, 2006) como uma conjugação entre ciência experimental e fé revelada. Para ele,

Por se tratar de uma religião que acentua a razão e o livre-arbítrio, realizada em formas organizacionais voluntárias, articuladas num padrão federativo, o kardecismo foi um dos poucos espaços de uma religiosidade reflexiva e interiorizada na primeira metade do século XX, em oposição à religiosidade tradicional e familiar do catolicismo (...). (LEWGOY, 2006, p. 88)

Já o protestantismo tem uma crença parecida com a da Igreja Católica, excetuando-se o fato de não acreditarem na existência de um purgatório, e não creem num retorno evolutivo do espírito, através da reencarnação, como acreditam os espíritas. O protestantismo clássico é marcado por uma hierarquização das funções e por uma crença na fé e em uma ascensão do indivíduo que é temente a Deus e segue as determinações de sua igreja.

As religiões africanas têm práticas funerárias que apresentam uma imortalidade do espírito e a forte influência deste sobre os mortos. Na obra de Reis, ele considerou as práticas fúnebres do período escravista similares a uma festa, com seus cortejos e missas. Os judeus tinham formas diferentes de cuidar de seus mortos, como Vainfas cita um exemplo: “amortalhar o defunto com ‘camisa comprida’; enterrá-lo em terra virgem; cortar-lhes as unhas e guardá-las; colocar uma pérola ou moeda de ouro ou prata em sua boca para ‘pagar a primeira pousada’”, entre outras (VAINFAS, 2000, p. 412).

Percebemos que os vivos acreditam que interferem no que acontece com os mortos, como o caso das moedas e que “um bom descanso” para estes dependerá também do cuidado que tivermos com o corpo do morto. O corpo e a alma se separam após a morte, mas as ações dos vivos sobre o corpo têm consequências na “vida pós-morte” do sujeito. O que podemos afirmar é que todas essas religiões e as demais que aqui não foram citadas se preocupam com a morte e isso tem um impacto muito forte na forma mesma como os indivíduos vivem. Cada grupo social apresenta uma crença e uma visão de mundo que se fundamenta na sua compreensão da morte. Pensar na morte é também pensar na vida, em como a vivemos e como isso irá interferir em nossa própria morte.

Um exemplo: se cuidarmos do nosso corpo, nos alimentarmos direito; não cometermos excessos; sermos bons cristãos; pagarmos nosso dízimo; praticarmos a caridade; acredita-se que teremos uma morte tranquila e indolor e que poderemos ter garantida nossa passagem para o paraíso. Mas se fazemos coisas opostas e não praticarmos nenhuma crença, estamos

perdidos e nossas almas não terão salvação. Mas nem de bem e mal vivem as crenças sobre a morte. Para morrer há imposições.

### **A morte e a sociedade**

Dentre essas imposições podemos citar o suicídio. Este nunca foi bem encarado pelas religiões ocidentais e é ferreamente julgado e condenado. O assassinato também é, e a pena para os agressores é o tormento eterno. O mundo não é só maniqueísta, é também social e as ações de culpabilidade perante um atentado à vida variam de acordo com a situação. Se alguém mata para se defender, há a possibilidade de salvação; se morre de doença é a paga por algum pecado e a morte pode vir como a libertação da dor. Aliás, um fato muito interessante é que a morte é encarada de muitas formas, mas nem todas são negativas, apesar de estas não fazerem tanto sucesso entre a população mundial, onde o medo da morte é mais comum do que o anseio por esta.

A morte é, portanto, um problema sociocultural. E por que isso? Pois quando nos tornamos conscientes dela, nossas ações são alteradas. Por mais que saibamos que morreremos um dia, que tenhamos consciência da morte, não nos dispomos a encará-la de forma menos agressiva. Tememos a morte e isso a torna um problema. Os animais não compreendem isso, pois não tem consciência de sua finitude, mas nós temos. Crescemos em sociedade e temos de nos adaptar a ela, e como somos extraordinariamente dependentes uns dos outros, a perda é para nós mais significativa. Saber que tudo tem um fim limita a capacidade de ação e reflexão do ser humano. Segundo Elias (ELIAS, 2001), “não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos” (ELIAS, 2001, p. 11).

No entanto, as pessoas vão percebendo e atuando sobre esse problema de formas diversas e isso se deve também as relações em outros campos da ação humana, não apenas o religioso e que vão configurando a nossa forma de encarar a morte. Não é de surpreender que os avanços na área da saúde, vieram por modificar toda nossa forma de trabalhar, comer, vestir, dormir e morrer. Passamos a relegar muitas atividades a outros, e isso não foi diferente com a morte. Há um afastamento entre vivos e mortos e não é apenas questão de higiene, mas de evitar o contato com a morte. A civilização ocidental tende a empurrar a morte para os bastidores da vida social e, em decorrência disso, fica mais difícil para os sujeitos sociais

lidarem com ela. A morte reflete a imagem do perigo, daquilo que nos impede de vivenciar certas experiências. A morte no e do outro nos faz pensar na nossa própria morte e na incerteza da chegada desta, da forma como isso se dará, e acabamos por temê-la e evita-la. Conseguimos nos aperfeiçoar tecnologicamente e até podemos prolongar nosso viver, mas não podemos impedir a “deterioração” do corpo e nem a morte que sempre virá e se fará presente. A morte pode ter se tornado asséptica, como sugere Elias (2001), mas o temor por ela não.

A morte tem se tornado muito discutida, principalmente por todas essas linhas de ação e reflexão que dela tiram os seres humanos. Por, como já nos referimos anteriormente, ser um problema sociocultural, muitos passaram a estudar a morte e a refletir academicamente sobre ela. Assim como Elias e Reis, muitos outros se detiveram sobre essa temática e produziram sobre isso, como Roberto DaMatta em sua obra *A casa e a rua*, onde dedica um capítulo ao estudo da morte nas sociedades relacionais como no caso do Brasil.

Segundo o autor, os homens passaram por uma mudança psicológica e filosófica muito profunda desde o fim da Idade Média. Isso porque o homem teve que se perceber como um indivíduo solitário perante o mundo e a morte. A força que o individualismo moderno adquiriu com as religiões protestantes e com o avanço do pensamento científico, além do uso da racionalidade moderna colaboraram para que o homem se sentisse sozinho perante a sua finitude. Antes, tinha-se a ajuda da Igreja, o apoio das orações e dos rituais religiosos, onde se promulgava a força da coletividade. Apesar de ainda existirem rituais religiosos, estes não tem mais a característica marcante da participação coletiva. Para DaMatta, “é esse contexto do individualismo como princípio básico da vida social que faz com que a morte apareça como problema” (p. 135), pois assim distancia o homem daquilo que antes lhe era tão naturalizado, a própria morte.

No entanto, para DaMatta, é o morto e não a morte o atual problema da sociedade moderna para com a questão da finitude do ser humano. Isso é explicado por ele no sentido de que a morte é tratada como um assunto isolado e às vezes distante dos vivos, mas é a lembrança do morto, dos entes queridos falecidos, suscitada pela visita aos cemitérios, pelas fotos, pelas lembranças familiares que ainda são muito fortes para os vivos e provocam um mal estar social da população em relação a essa temática.

As sociedades individualistas tem significativamente uma abordagem de destruir do corpo do morto, para dele não haver memória, pois para muitos a constante referência ao falecido pode vir a denunciar uma instabilidade emocional e algo a ser tratado psicologicamente, tal o incomodo que suscita nos demais indivíduos. Nessa reflexão sobre a memória do morto, podemos tomar como exemplo a dissertação de Titus Riedl, na qual o autor vai estudar as fotografias dos mortos que eram frequentemente tiradas pelos familiares e que atualmente estão diminuindo, com apenas algumas comunidades ainda manterem esse costume.

Com o tempo, guardar fotografias de períodos da vida não encontra mais tanto espaço na sociedade atual. Para Riedl, “o gesto de destruir fotografias no caso dos mortos, por exemplo, corresponde a um ato simbólico de destruir laços emocionais e apagar memórias”. Mas ao observarmos aqueles que ainda praticam tal ritual, o autor observa que não se busca uma imagem dolorosa da morte. “A maioria das imagens coletadas, pelo contrário, mostram familiares, parentes e amigos do morto que ostentam um aspecto controlado, contido e consciente da presença da câmara” (RIEDL, 2002, p. 17). É singular observar essa permanência em algumas comunidades, mesmo vivendo em sociedades onde, segundo Riedl, a individualidade se impõe como valor absoluto.

### **O moribundo, a morte e a coerção social sobre o indivíduo.**

Norbert Elias apresenta algumas importantes considerações sobre a privatização da violência e o controle que o indivíduo deseja ter sobre sua vida, e como isso molda os comportamentos perante a condição da finitude do sujeito suscitada pela morte. Um fator que colabora para o individualismo é a auto coerção a que indivíduo se apega para manter o “controle” da situação. Deixamos para o Estado a responsabilidade sobre nossa saúde e segurança. As ações de violência passaram a serem monopolizadas por mecanismo não diretamente ligados as pessoas, privatizando ações e individualizando relações e interesses. As pessoas começam a se perceberem mais sozinhas ao mesmo tempo em que tem a possibilidade de ampliar sua rede de contatos. Muitas vezes temos vários amigos no Facebook, porém não sabemos quem é o nosso vizinho e nem nos propomos a conhecê-lo. Essa solidão apenas se agrava com a velhice e a ideia de que não se tem mais tempo para novas atitudes e nem serventia para a sociedade, não há como colaborar, já fizemos nossa parte.



O isolamento acaba sendo promovido por todos e essa situação, por mais bem vista que possa ser pelos mais jovens e adultos, por denotarem certa independência, ganha um caráter negativo com a velhice e a proximidade da morte. Alguns acreditam que a pacificação interna dos sujeitos, ou melhor, uma acomodação perante as regras impostas socialmente, também garanta uma morte pacífica – desejo acalentado pela maioria das pessoas. A solidão e o isolamento que acaba sendo infligido aos mais velhos e aos moribundos destaca a própria inaptidão do homem perante a situação de sua finitude. Durante muito tempo, acalentou-se a ideia de que tudo na vida possuía um sentido e essa ideia colaborava para que as pessoas melhor enfrentassem o fim das suas vidas. Na atualidade, a condição de isolamento dada pela própria família aos indivíduos no fim da vida gera mais uma sensação de frustração e de inconformismo com a morte. O homem passou a se sentir embaraçado perante a morte. Não sabemos como lidar com ela ou com quem passa por essa situação. Não queremos nos habituar a perda. Então se luta contra ela. Faz da morte seu maior inimigo. Segundo Elias, é esse embaraço o principal empecilho para que os vivos consigam conviver com os mortos.

Observando essa colocação de Elias e relacionando com outras produções sobre o assunto, a morte tem sido negada e, ao mesmo tempo relegada a um fenômeno técnico e hospitalar, como se refere Marcílio (MARTINS, 1983). Além disso, Célia Almeida Ferreira Santos, afirma que os próprios profissionais da saúde tendem a negar a morte a seus pacientes. Segundo a fala de algumas enfermeiras entrevistadas por Santos em sua pesquisa com os profissionais da área da saúde, toda a sociedade nega a morte. Escondemo-la de nossas crianças, afirmando que os mortos estão dormindo. A morte passa a ser mascarada, por estarmos impotentes de encará-la como o fim de tudo.

É exatamente por isso, por esse embaraço e medo de falar da morte, que ela vem interessando a tantos pesquisadores. Falar da morte não é apenas tratar de rituais e de crenças, mas também de sensibilidades sociais. Como bem observou Marcílio (MARTINS, 1983), citando Lucien Fèbvre, da necessidade de se ter uma história do amor, da morte, da piedade, entre outras, já que fazem parte da forma como os indivíduos compreendem o mundo e se compreendem como parte dele, da forma como se relacionam e agem perante essa própria compreensão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de nossa pesquisa foi denotar, através do uso da literatura como campo de estudo, as percepções que um dado grupo social, dentro de condições específicas de sobrevivência, tem em relação à morte e ao morrer. Na obra de João Cabral de Melo, “Morte e Vida Severina”, as condições de vida dos sujeitos são marcadas pela fome, seca, expropriação e migração. A morte aparece como o personagem conflituoso, aquele que marca presença em todos os atos, negando a esperança de Severino de encontrar melhores condições de vida para onde vai. Sendo essa constante tão desoladora, o jovem Severino pensa sua vida e a de seus conterrâneos, denota em sua fala toda uma conjuntura de desigualdades sociais, partindo dos principais pontos que resolvemos apontar nessa pesquisa como significativos para a compreensão da obra: o sertão, a seca, a migração e a propriedade da terra.

Percorrendo essas direções de estudo, deparamos com o importante papel que a morte apresenta dentro das reflexões que o próprio Severino tem da morte e como essa mesma morte é percebido por outros sujeitos sociais presentes na obra. Entender a morte na obra é compreender que ela não é igual e muito menos experimentada da mesma forma por todos os indivíduos. Os encontro com a morte que o personagem principal tem ao longo de sua jornada mostra-nos o quão complexa é essa interação entre vivos e mortos. Não se trata apenas de uma questão ritualística, mas das condições econômicas e políticas que envolvem o papel da morte em nossa sociedade.

Como muito bem exposto por José Saramago em seu livro “As intermitências da morte”, a morte abrange os mais variados setores da vida social. A ausência dela, como nos é contado por Saramago, provoca mudanças na organização social e mesmo na forma como subjetivamente os indivíduos e a comunidade experimentam a perda e o sofrimento. Portanto, a morte não apenas é individual e familiar, mas coletiva. Pensando nisso, buscamos refletir como a morte, mesmo apresentada de forma literária, permeia a condição humana nas suas diversas instâncias: o real e o imaginário; a religiosidade; as políticas públicas de assistência; a economia; entre outras.

Acreditamos que refletindo sobre o lugar da morte em nossa sociedade, conseguiremos proporcionar um diálogo mais ativo sobre até que ponto as mudanças sociais percebidas na

atualidade alteram as relações e tratamentos que os sujeitos assumem em suas vidas e como percebem a própria vivência e os conflitos que envolvem essas relações.

## Referências

### Fonte

MELO NETO, João Cabral. Morte e Vida Severina; e, Outros poemas/João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

### Bibliografia

A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. Bernardo Lewgoy, UFRJ, Rio de Janeiro, setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v28n1/a05v28n1.pdf>>. Acesso em: 31 de maio de 2013.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. Sertão: um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. Assim na Morte como na Vida: Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915). Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

CANDIDO, Antônio. Formação da Literatura Brasileira. 3ª edição. Livraria Martins Editora S/A, V.1, 1969.

CHARTIER, Roger. Leituras e leitores na França do Antigo Regime. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CUNHA, Euclides da. Os sertões: campanha de Canudos. 27 ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963.

DAMATTA, Roberto. A morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro. In: DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.

DARNTON, Robert. O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DELUMEAU, Jean. História do Medo no Ocidente 1300 – 1800: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GUERRA, Yaponira M. B. O espaço dos sem espaço: estudo de caso de representações sociais de migrantes de classes subalternas no Recife. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1993.

GUIMARAES, Alberto Passos. Quatro séculos de latifúndio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. (Série Estudos sobre o Brasil e a América Latina).

MARTINS, José de Souza (org.). A morte e os mortos na sociedade brasileira. São Paulo: Editora HUCITEC, 1983.

MARTINS, José de Souza. O cativo da terra. 6ª ed. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1996.

MONTEIRO BAHIA, Ryanne Freire. O pobre na literatura: análise sociológica da obra O Cortiço. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Curso de Mestrado, Fortaleza (CE), 2012.

MORALES, Lúcia Arrais. Vai e vem, vira e volta: as rotas dos soldados da borracha. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

RAMOS, Graciliano. Vidas secas. 76ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Ed. Record, 1998.

REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIEDL, Titus. Últimas lembranças: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secult, 2002.

RIOS, Kenia Sousa. Campos de concentração do Ceará: isolamento e poder na seca de 1932. Fortaleza: - Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

SARAMAGO, José. As intermitências da morte. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. Dicionário do Brasil Colonial (1500 – 1808). Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 2000.

VILLA, Marco Antônio. Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Editora Ática, 2000.

### **Audiovisual**

Palestra “A morte como um quase acontecimento”, de Eduardo Viveiro de Castro. Disponível em:

Vídeo I: [http://www.youtube.com/watch?v=Zdz8U9\\_8YVU](http://www.youtube.com/watch?v=Zdz8U9_8YVU)

Vídeo II: <http://www.youtube.com/watch?v=RDwclsrctJ4>

Vídeo III: <http://www.youtube.com/watch?v=pR92cWZ7o1A>

Vídeo IV: <http://www.youtube.com/watch?v=0sLjVsVJp0o>

Vídeo V: <http://www.youtube.com/watch?v=KxBUIJXrL70s>

Vídeo VI: <http://www.youtube.com/watch?v=bZir9LHBZV8>

Vídeo VII: <http://www.youtube.com/watch?v=iEHMdpG27hc>

Vídeo VIII: [http://www.youtube.com/watch?v=aWez3Aq\\_dEs](http://www.youtube.com/watch?v=aWez3Aq_dEs)

Vídeo IX: <http://www.youtube.com/watch?v=In4uo5PXYG4>

Vídeo X: [http://www.youtube.com/watch?v=xm\\_TkjqipzY](http://www.youtube.com/watch?v=xm_TkjqipzY)

Vídeo XI: <http://www.youtube.com/watch?v=VXIQnwpvk1U>

Vídeo XII: <http://www.youtube.com/watch?v=paE6EWcIHa4>

Vídeo XIII: <http://www.youtube.com/watch?v=1otIW-aDolw>

Vídeo XIV: <http://www.youtube.com/watch?v=3pMulTIt9Co>

Acesso em 20 de abril de 2013.

Programa "De lá pra cá". Disponível em:

Vídeo I: <http://www.youtube.com/watch?v=fKE3YttgYGA>

Vídeo II: <http://www.youtube.com/watch?v=2ipKKsN1Qgc>

Acesso em 22 de abril de 2013.

Programa "Entrelinhas". Disponível em:

Vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=7Pv6scli2Ek>

Acesso em 16 de março de 2013.

Programa "Arquivo N". Disponível em:

Vídeo I: <http://www.youtube.com/watch?v=XvxWkAVV1-k>

Vídeo II: <http://www.youtube.com/watch?v=KCzGatTHnTc>

Vídeo III: <http://www.youtube.com/watch?v=cnvQWu1D9Y4>

Acesso em 16 de março de 2013.

Cadernos de Literatura Brasileira. Disponível em:

[http://ims.uol.com.br/Joao\\_Cabral\\_de\\_Melo\\_Neto/D714](http://ims.uol.com.br/Joao_Cabral_de_Melo_Neto/D714)

Acesso em 18 de abril de 2013.